O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO

J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, J. A. Marques Gomes e Firmino de Vilhena

ANNO XXXV

ASSIGNATURAS: SEM ESTAMPILHA: ANNO 4$600 reis; SEMESTRE: 2$350; TRIMESTRE 1$200; AVULSO 50 reis. COM ESTAMPILHA: anno 5$140; SEMESTRE 2$650; TRIMESTRE 1$350; AVULSO 55. As assignaturas são pagas adiantadas. A circumstancia de receber o jornal sem o devolver importa responsabilidade, pela importancia do tempo porque se recebe.

PUBLICA-SE A'S QUARTAS-FEIRAS E SABBADOS

Quarta-feira 9 de junho de 1886

PUBLICAÇÕES. Correspondencias particulares: linha 40 reis. Annuncios: linha 30 reis; repetições 20 reis. Publicações no corpo do jornal, por linha 60 reis. Assigna-se unicamente em Aveiro. As assignaturas são pagas adiantadas. Os manuscriptos enviados á redacção, sejam ou não publicados não serão restituidos.

NUMERO 3:196

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rue S.te Anne, 51.bis

SUMMARIO: —Os factos.—Uma acção naval.—Noticias locaes.—Noticias diversas.—Novas de longe.—Contas e contos.—Patriae interitus, *por João Carlos da Silva Cordeiro.*—O conde de Paris e a «França Judaica».—Sciencias.—Arabescos e miniaturas.—Bibliographia.—Parte official.—Carta de Lisboa.—Telegraphia.

Aveiro

OS FACTOS

As occorrencias de Lisboa deram a medida das aspirações de um partido, que se diz democraticamente liberal, e provaram que para que o exercito seja um elemento de ordem, carece de alguma cousa mais que vestil-o pelo ultimo figurino. Todos sabem como principiou o conflicto entre os soldados de artilheria e os da guarda municipal. Ninguem ignora egualmente, que na contenda se envolveu a vadiagem, intervindo tambem gente que pouco ou nada tinha que perder, que houve aliciação no campo da refrega, e que as tavernas da visinhança do quartel do Carmo ficaram esgotadas, pagando-se generosamente tanto o vinho de pasto como o vinho fino, a que o paladar do povo não está habituado.

O incidente das Amoreiras foi casual, e por tanto devido a circumstancias imprevistas. O que porém se passou subsequentemente, é que foi obra de um plano, tendente a desmoralisar a tropa, e a promover a anarchia nas ruas da capital. E se confrontarmos os factos, que toda a imprensa séria condemna, com as propostas insidiosas apresentadas na camara municipal pelos srs. Pedroso e Arriaga, facil é concluir, que se tinha em vista desconceituar e comprometter a guarda municipal, com o fim de compellir o governo a dissolver este corpo policial, o melhor que temos, e a unica garantia que tem Lisboa, não só para a manutenção do seu socego, como tambem para a defeza da propriedade e da vida dos cidadãos.

Houve sempre, e isto ha mais de quarenta annos, má vontade contra a guarda municipal, resultando d'ahi as rixas entre as praças de pret da mesma guarda e as dos outros corpos de guarnição na capital. Mas é certo, que a agressão partiu sempre dos outros, e que a força policial se é intransigente na observancia dos seus deveres, ninguem póde apontal-a como insubordinada. Affronta as malquerenças populares, mas logra conservar o respeito á lei em proveito da ordem e da liberdade legal.

Sabemos que uma tal instituição não póde agradar aos que procuram perturbar o socego publico, auferindo d'ahi as vantagens que anteviram nos seus propositos politicos. Ha quem queira a perturbação de todos os elementos, para d'ahi tirar proveito, embora com isso soffram os interesses legitimos do maior numero. Mas esta ordem de considerações nunca actuou no nosso espirito, e por tanto temos constantemente reprovado os expedientes uzados pelas facções, para se locupletarem com os sacrificios dos outros.

Quizeram especular com as desavenças originadas na feira das Amoreiras, e que não deviam ter consequencias apreciaveis, se por ventura da parte do commandante d'artilheria tivesse havido maior energia. Felizmente o caso proporcionou ensejo á policia para expurgar a cidade de uma parte das suas impuresas, que vieram á superficie no referver da onda, que trouxe revolta uma pequena parte da sua população. A escuma que fluctuava por cima das iras soldadescas, foi porém colhida ás mãos, e lançada no porão, como lastro immundo, para mais tarde se lhe dar o conveniente destino. Os que porém de bôa fé engrossaram a arruaça, encontrarão nos tribunaes justiça desafrontada e pronta.

Especulou-se com uma desavença particular, fundando-se n'ella para pedirem a extincção da guarda obediente, e que sacrificou a vida para salvar a ordem. O plano era demasiado transparente para que podesse ter o resultado que esperavam. O primeiro municipio do paiz, esquecendo porém as funcções da sua elevada magistratura, arvorou-se em instrumento de odios partidarios, querendo lançar á conta de desagravo social o que era fructo de combinações sediciosas. Dissolvida a guarda municipal, terror dos arruaceiros, facil seria depois promover a agitação da vadiagem, que acode presurosa para apedrejar ou para aplaudir. Para ella os heroes da vespera são as victimas do dia seguinte. O seu idolo é a anarchia, porque se alistou ao soldo das paixões, tendo por unico mobil o movimento, que a torna indispensavel para a violação de tudo o que fôr ordem e liberdade.

E Lisboa não podia ficar á mercê dos caprichos e das combinações de quem no transtorno geral vê o unico desideratum para a realisação das suas aspirações. Querer arvorar a desordem em elemento preponderante da politica, é proclamar a dissolução social, que em França produziu o fusilamento dos reféns, o incendio dos monumentos, e a campanha de Montparnasse, alastrando Paris de ruinas e cadaveres. E' querer transplantar para o nosso pacifico Portugal as scenas da Hespanha, quando a intransigencia incendiava Alcoy e fazia de Carthagena respiradouro do inferno. E anarchisado tudo, insubordinado o exercito, apavorados os bons cidadãos, obliterado o direito de propriedade, ameaçadas as vidas dos que tentassem opor-se á destruição dos interesses criados, o que fariam esses, que tinham dado impulso a tamanhas calamidades? Exauctorados pelos *sans-culottes* que apedrajavam os agentes da segurança publica, e que são de ordinario recrutados nos lupanares e nas tavernas, teriam de fugir, ou pereceriam ás mãos dos vís instrumentos dos seus desvarios partidarios, como justo castigo de tamanha intemperança politica. Era a pena de talião cominada sem nenhuma forma de processo.

Fez bem o governo na energia que desenvolveu, pelo que merece os aplausos do paiz, sem discrepancia de côres politicas. Quando em 1870 a dictadura bateu e dispersou os arruaceiros, todos a aplaudiram. Ninguem pode conservar-se indifferente quando as conveniencias publicas se manifestam de um modo tão concludente. E a energia desenvolvida nas horas de crise, deve continuar para que taes occorrencias se não repitam no centro de uma nação civilisada. Não basta reprimir; é necessario evitar tambem.

Ahi ficou egualmente registado o grandissimo inconveniente de andarem armadas as praças de pret fóra do serviço. Se não fosse esta circumstancia, os artilheiros não se teriam batido com a guarda municipal, nem os contingentes dos outros corpos interviriam a favor dos primeiros. Que d'aqui por diante ande só armada a policia, prohibindo a esta que frequente as tavernas, e que fume pelas ruas, e ainda que pratique outros actos, que parecem mal á vista e infringem as regras disciplinares.

Os desordeiros devem ser punidos com rigor, para que não se abalancem a novas emprezas. Convém respeitar e fazer respeitar as leis do paiz. A verdadeira liberdade está em manter todos no exercicio dos seus direitos, e quando dizemos direitos, dizemos tambem obrigações. Quando alguem invade a esfera que lhe é defeza, cessa a harmonia e começa o arbitrio, que degenera em tumulto, como os de Lisboa, o que constitue crime.

Queremos a tolerancia, mas somos contrarios á licensa. Com a liberdade vem a ordem, mas da licensa resulta a anarquia. E os que advogavam a expulsão dos Orleães, porque eram principes, e por tanto superiores aos outros cidadãos, não podem querer o privilegio das arruaças, que é a ultima expressão da demagogia impenitente. Ou ser partido da ordem, ou prégar a anarquia, que leva os discolos até ao porão dos pontões do estado, como preservativo contra a lepra que na Belgica monarchica produziu as catastrofes de Charleroi, e na França republicana fez escombros da outr'ora laboriosa e opulenta Decazeville.

UMA ACÇÃO NAVAL

No sabbado publicámos um artigo com este titulo, firmado por P. D. O artigo pertencia ao nosso illustrado collega do *Correio da Manhã*, e se não fizemos logo esta declaração foi porque tencionavamos fazer-lhe alguns aditamentos, e *não por querer roubar-lhe a paternidade.*

O auctor do artigo que, o *Correio da Manhã* affirma ser um dos nossos mais brilhantes officiaes de marinha, cometteu alguns erros que é mister corrigir.

A esquadra da Junta do Porto, que na manhã de 23 de maio saiu a barra, compunha-se com effeito dos vapores *Mindello* e *Porto* e do que diz chamar-se *Royal Tar*, mas cujo nome então era *Salter*.

O fim da sahida da esquadra era o de levantar o bloqueio e mostrar assim que a Junta não se intimidava com as ameaças dos agentes dos governos inglez, hespanhol e francez.

Em 20 de maio de 1847 dirigia-se o encarregado de negocios de Inglaterra em Lisboa ao conde das Antas, dizendo-lhe: «sinto ver-me obrigado, para desempenhar uma imperiosa obrigação, a pedir á Junta que suspenda as hostilidades assim por mar como por terra, pelo tempo que for mister para este negocio ser levado ao conhecimento do governo de S. M. e do de Hespanha e França, etc.»

Tambem pouco antes da esquadra levantar ferro, o capitão W. Robb intimou o ministro dos estrangeiros José Passos, para que ella não sahisse a barra, mas este não se intimidou e respondeu-lhe, como se vê do documento que passamos a transcrever:

«Ill.mo sr.—Tenho a honra de informar a v. s.ª, que havendo levado ao conhecimento da Junta provisoria do governo supremo do reino a carta, em que o consul de S. M. Britannica n'esta cidade manifestava os desejos de que a Junta suspendesse as operações da sua esquadra, até que v. s.ª tivesse entregue ao marechal do exercito, conde das Antas, uma carta do enviado de S. M. Britannica na côrte de Lisboa, para que cessassem as hostilidades entre as forças da Junta e as do governo de Lisboa, em quanto o mesmo ministro não recebesse resposta da sua côrte ás ultimas communicações, que havia feito ao seu governo; ordenou-me a Junta que participasse ao consul de S. M. Britaunica, que com o maior sentimento se via na necessidade de não poder annuir aos desejos, que s. s.ª enunciava. Esta participação foi entregue na noite passada ao consul de S. M. Britannica, que é de presumir d'ella tenha já dado conhecimento a v. s.ª A Junta provisoria do governo supremo do reino não tem compromisso algum, que a impeça de empregar as suas forças de mar e terra da maneira que o julgar mais conveniente, para o triumpho da justa causa que sustenta a maioria nacional, e nem raconhece nem póde reconhecer em nenhum gabinete estrangeiro o direito de se intrometter nos negocios internos de Portugal, e muito menos o de regular a seu arbitrio o emprego das suas forças, e a opportunidade das operações das mesmas. É por isso que o abaixo assignado viu com muito pezar, que v. s.ª declara, em conformidade das ordens de s. ex.ª o sr. almirante William Parker, que, no caso de sahirem d'este porto os vasos da esquadra nacional, provavelmente, serão detidos por uma força maritima britannica. É em dosempenho do seu dever, que o abaixo assignado não póde deixar de significar a v. s.ª, que que qualquer acto de hostilidade da parte dos navios de S. M. Britannica contra os navios de guerra da Junta, que não teem feito aos estrangeiros aggravo algum, antes se teem esmerado em manter a melhor harmonia com o governo e subditos de S. M. Britannica e mais nações amigas e alliadas, seria indesculpavel na presença do governo de S. M. Britannica e da Europa, porque nada póde justificar a intervenção estrangeira em uma questão de politica absolutamente interna e administrativa d'esta nação. Seja qualquer que fôr a resolução que v. s.ª tome em virtude das ordens dos seus superiores, os officiaes de marinha nacional portugueza hão-de observar as ordens d'esta Junta, e cumprir os seus deveres de maneira que mereçam os applausos da Europa civilisada.

Aproveito esta occasião para renovar a v. s.ª os protestos da minha particular estima e consideração. Repartição dos negocios estrangeiros da Junta provisoria do Porto, 23 de maio de 1847.—Ill.mo sr. capitão Robb.—*José da Silva Passos.*»

A esquadra saiu com effeito a barra e bateu a esquadra cabralista, na presença da esquadra de Inglaterra e Hespanha, fazendo levantar o bloqueio.

Diz o auctor do artigo que os vapores da Junta ás quatro horas da tarde demandaram a barra, querendo assim fazer acreditar que a victoria coube á esquadra da rainha. Esta não é a verdade. *Salter*, como diz D. João de Azevedo (*Os dois dias de outubro ou a historia de prerogativa*, pag. 104), dá caça aos vasos de guerra do governo, que faziam o bloqueio do Porto; obriga-os a recolher a Vigo d'uma pequena escaramuça naval, em que não houve nem mortos nem feridos de parte a parte, mas bastante gloria para a esquadra da Junta e muito pouca para quem tão rapidamente lhe deu a pôpa.»

Quem fugiu foi Soares Franco; *Salter*, esse ficou no seu posto fundeado em frente do Porto, cujo bloqueio acabava de fazer levantar.

No *Nacional* de 25 de maio de 1847, vem publicado o officio em que o commandante da esquadra da Junta, Eduardo João Salter communica a Justino Ferreira Pinto Basto, encarregado dos negocios da marinha e ultramar, os resultados da acção e, este officio termina assim:—«Bordo do vapor de guerra *Mindello* á vela fóra da barra do Porto, 9 horas da noite de 23 de maio de 1847.»

Não entrou portanto a esquadra da Junta no Porto ás 4 horas da tarde do dia 23 de maio, como se vê do documento que acabamos de citar, e se isto não fosse bastante para o provar, tinhamos ainda além d'outros documentos, hoje do dominio publico, um outro officio do mesmo Salter, dirigido tambem ao encarregado dos negocios da marinha e do ultramar, e egualmente datado de bordo do vapor de guerra *Mindello* fundeado em frente da barra do Porto, em 25 de maio de 1847, ás 8 horas da manhã, onde se lê:

«N'este momento acaba de vir a bordo d'este navio o commandante do vapor de guerra «Polyphemus» da parte do commandante das forças navaes de S. M. B. Sir Thomaz Maitland, intimar-me para que a esquadra do meu commando recolhesse para a cidade do Porto, não tornando a sahir a barra em quanto não chegar a resposta do gabinete inglez sobre a convenção proposta pelo governo rebelde, sob pena de ser detida pela esquadra ingleza.»

A esquadra da Junta lá estava portanto ainda fóra da barra no dia 25, em vez de estar fundeada no Douro, onde queria o auctor do artigo que ella estivesse desde o dia 23.

O sr. P. D. fallando dos officiaes que commandavam os vapores da Junta diz—que não era a morte que os fazia hesitar, era o receio de verem inutilisados *os navios que contavam transportar para Setubal a expedição, que se bateu depois no Alto do Vizo.*» Esta ultima parte é completamente inexacta.

A acção do Alto do Vizo teve logar no 1.º de maio, e os navios que conduziram a Setubal a expedição commandada por Sá da Bandeira, sahiram do Porto em 28 de março, e voltaram alli em 21 de maio. Não era a esta expedição que se destinava agora a esquadra da Junta, mas sim á divisão do conde das Antas que, no dia 31 de maio, pelas 6 horas da manhã, foi apresionada pelas forças navaes inglezas e hespanholas em frente da barra do Porto.

A verdade historica é esta, pois basea-se em documentos, e este feito naval tambem não trouxe novos loiros a Soares Franco, que se era intrepido e bravo tambem o não era menos Salter, como elle, soldado das campanhas da liberdade e cujos feitos são igualmente dignos de serem lembrados.

A razão porque não declaramos logo que, o artigo alludido pertencia ao *Correio da Manhã*, ahi fica, e com respeito á arguição que o collega nos quer fazer de plagiarios, devolvemol-a intacta, porque se alguem se póde queixar somos nós. Transcrevemos o artigo mas não o mutilamos nem o demos como nosso, e o collega já não póde dizer o mesmo, pois não ha ainda muitos mezes que metteu a thesoura a um artigo nosso e aproveitando d'elle o que quiz, apresentou-o como obra sua quando o não era.

Noticias Locaes

Apontamentos de carteira.—Foi ante-hontem á comarca de Estarreja, defender um réu de supposto crime politico, o nosso collega dr. Barbosa de Magalhães.

Doença.—Continua gravemente enfermo o nosso muito respeitavel e muito prestimoso amigo, o sr. João Carlos Gomes, dignissimo administrador do concelho d'Ilhavo, e um dos primeiros beneméritos do partido progressista. O seu estado chegou a inspirar sérios cuidados aos seus amigos, que são todos os que directa ou indirectamente lhe conhecem a grandeza do caracter, a robustez da intelligencia e a nobreza do coração. Mas, felizmente, podemos affirmar hoje que aquelle nosso excellente amigo não está peior, e que ha fundadas esperanças de o ver em breve restabelecido. Devéras o estimaremos.

Asylo de José Estevão.—O nosso estimadissimo patricio Antonio da Silva Mello Guimarães, que se acha no Rio de Janeiro, acaba de dirigir uma affectuosa carta á direcção do mesmo asylo, acompanhada d'uma lista dos seguintes subscriptores:

Ex.mos srs. dr. Daniel da S. Ribeiro, 50$000 reis; Commendador J. C. Ramalho Ortigão, 50$000 reis; M. M. Ferreira Souto, 30$000 reis; Carlos N. Fross, 30$000 reis; Antonio P. de Almeida, 20$000 reis; Alegria e C.ª, 20$000 rs.; Visconde de Amoroso Lima, 20$000 rs.; Commendador José J. M. de Pinho, reis 20$000; Thomaz d'Aquino Borges, reis 20$000; Francisco Ramos Vaz, 20$000 reis; Conselheiro Leonardo C. d'Araujo, 20$000 reis; Antonio da S. Mello Guimarães, 12$000 reis; José de Mello Freitas, 12$000 reis; Alberto d'Almeida e C.ª, 10$000 reis; Francisco F. Vaz, reis 10$000; Commendador Paulo J. da F. Brandão, 10$000 reis; João Luiz Alves, 5$000 reis; Manuel Moreira Gomes, reis 5$000; José Ribeiro Bastos, 5$000 reis; e Alfredo Elizio C. P. d'Almeida 5$000 reis.—Total 374$000 reis em moeda fraca, que produziu a importante somma de 151$000 reis.

Não podemos deixar de exalçar o nobre procedimento do filho d'Aveiro, que, longe da patria, se não esqueceu de promover tão assignalado beneficio a esta nossa sympathica instituição.

Outro donativo.—O nosso estimavel patricio, o sr. Joaquim da Silva Mello Guimarães, tambem residente no Brazil, contemplou com a quantia de 4:500 reis, o mesmo asylo de infancia desvalida.

Audiencias geraes.—Começou hontem a audiencia de discussão e julgamento do réu José Fillippe Gonçalves, accusado pelo Ministerio Publico de varios crimes de roubo com escalamento e arrombamento, commettidos o anno passado n'esta cidade, e que tão grande alarme produziram.

Hontem só se procedeu á leitura do processo e á inquirição das numerosas testemunhas de accusação. O réu não produziu testemunhas de defeza, talvez por ser inteiramente desconhecido na comarca, ou pelo menos ninguem declarar conhecêl-o. Ficaram portanto para hoje o interrogatorio do réu, os debates, o relatorio do juiz, a decisão do jury e a sentença. E' possivel que termine hoje o julgamento.

A inquirição foi demorada, mas correu clara, e serena, sob a direcção intelligente e recta do integerrimo presidente tribunal. A discussão porém promette ser interessantissima, porque nem o distincto agente do Ministerio Publico deixará de apertar habilmente todas as malhas da rêde em que o réu se acha envolvido, nem o habil advogado de defeza, o sr. dr. Correia Leite, que veio expressamente do Porto aqui para esta causa, perderá qualquer ensejo de desenvolver todos os seus recursos em favor do seu constituinte.

Darêmos no numero seguinte conta do resultado, se hoje o não podermos saber a horas.

Recita.—Annuncia-se para o dia 17 do corrente um recita pelos srs. officiaes inferiores do regimento de cavallaria n.º 10, em beneficio do monumento do grande tribuno José Estevam, com o applaudido drama militar *29, ou Honra e gloria*, que nos dizem vae muito bem, pelo que é de esperar a concorrencia do nosso publico a animar os noveis actores, que tão obsequiosamente se prestam a coadjuvar os artistas aveirenses.

Os novelleiros.—Ha dias encontraram-se casualmente dois amigos no atrio do edificio do governo civil. Palestrearam por muito tempo, sempre em tom familiar, como é de uzo e costume entre pessoas que se respeitam e estimam ha muitos annos. Pois os alviçareiros vieram para as gasetas botar pregão, de que um tinha dado satisfações ao outro, quando ambos pareceram satisfeitos por se encontrarem e terem ensejo de conversar!...

— Outro novelleiro, que anda com a pedra no sapato depois que ahi resolveram uma pendencia contra elle, soube que sob a presidencia do sr. governador civil effectivo Montenegro e achando-se presente a junta administrativa e fiscal das obras da barra, se fizera a arrematação de uns pastos, cujo córte fôra adjudicado a um cidadão que em praça tinha offerecido maior lanço, dando como fiador da realisação do seu contracto outro cidadão, que pela auctoridade administrativa fôra considerado idoneo. Pois não lhe doeu a consciencia por ejacular mais uma calumniasita, e zás, prelenda na gazeta, a proposito do fiador ser substituto do sr. governador civil, embora n'aquella conjunctura não estivesse em exercicio e fosse para o caso um simples mortal!

E é com estas alicantinas, que os homens contam salvar a patria!

O que se vê é que a oposição anda aos grillos. E como não tem mais em que entreter a sua actividade, forrageia no campo das hypotheses imaginosas, supondo que alguem a toma a serio.

E depois... o diluvio.

Festividade e arraial.—No proximo domingo verifica-se em Vagos a costumada solemnidade do Espirito Santo, que ali se faz com todo o explendor, assistindo, além da phylarmonica da localidade, a *Amizade*, d'esta cidade. Na segunda-feira é a romaria concorridissima da Senhora de Vagos, que se venera na capella da mesma invocação, com a assistencia dos povos do concelho de Cantanhede, que, desde tempos immemoriaes, alli véem distribuir *bôdos*, em cumprimento d'um voto. Alli affluc tambem muita gente do concelho d'Ilhavo, d'esta cidade e outros pontos.

Funcção.—No domingo houve na capella de S. Gonçalo d'esta cidade, sita no Bairro da beira-mar, uma festividade em honra da imagem do Senhor *Ecce-Homo*, que na mesma se venera, constando de missa solemne e sermão. Assistiu a phylarmonica *Amizade*.

Triste!—Divagava por essas ruas a mãe com os tenros filhinhos, quando açodado cocheiro, chicotando os cavallos, atropellou a desgraçada, passando-lhe uma das rodas por cima do corpo. Levaram-na para casa hirta e já fria! Não houve volvel-a á vida, entre o carpir triste dos filhos impacientes!

Foi o que se passou ante-hontem na rua de José Estevam, logo depois das 9 horas da manhã! E sem embargo de terem já passado trez dias, e do facto ser publico e notorio, não nos consta que fosse levantado o competente auto de exame e corpo de delicto!... Que mundo este!

Mas a desgraçada era... uma gallinha amarella, bem emplumada, que andava com a ninhada em volta de si, como boa mãe que era. E por fim o seu cadaver insepulto fluctuava de tarde nas aguas do rio, que lentamente o levou ao mar.

Foi o castigo imposto ao animal, a quem seus donos consentiram que divagasse pelas ruas, o que é expressamente prohibido pelas posturas municipaes. E quanto a nós deve o cocheiro gallinhicida ter um premio, por ir desbravando a cidade, que pretendem arvorar em capoeira!

Quasi de graça.—E' o titulo d'um annuncio para que chamamos toda a attenção dos nossos amavais leitores, e que a todos offerece valiosissimas vantagens. A casa do sr. M. Rundbakin (Vienna d'Austria) tem sido recommendada por toda a imprensa do estrangeiro, e nós recommendamol-a tambem, porque realmente se nos afigura digna de especial menção.

Recita.—Consta que além das duas recitas de amadores d'esta cidade, se formou agora uma outra companhia que se prepara para ensaiar o drama—*O Anjo da Caridade*, em beneficio da benemerita companhia de bombeiros voluntarios de Aveiro.

Eleição.—Deve ter logar no proximo domingo, 13 do corrente, a eleição dos corpos gerentes da irmandade do Santissimo da freguezia da Vera-Cruz. O acto verificar-se-ha pelas 10 horas da manhã na egreja da Apresentação, e com qualquer numero de irmãos, visto ser esta a segunda convocação.

Trabalho no mar.—Tem havido trabalho no mar em todos os dias da semana. A pesca tem sido petinga e em pequena quantidade. Apesar d'isso, como as companhas das costas do districto trabalham já todas, a abundancia da offerta tem-lhe diminuido o valor, e hontem chegou a vender-se no mercado d'esta cidade por 220 e 240 reis o milheiro.

Abundancia. — Ante-hontem uma companha da Costa Nova trouxe para terra um grande lanço de corvinas. A maior parte vendeu-se na nossa praça. Consta-nos que o valor d'aquelle excedeu a nove centos mil réis! Foi uma pechincha para todos, porque aquelle peixe vendeu-se por preço convidativo. A companha foi a do nosso amigo o sr. padre João da Rocha Sennos, a quem enviamos o parabem por a pesca abundante que teve.

Prisão.—Foram presos em Amarante, a requisição do sr. administrador d'este concelho, os celebres cabreiros, que mataram ha tempo em Verdemilho um moleiro do sitio.

Vadio.—Na comarca de Estarreja acaba de ser condemnado por vadio Joaquim José da Silva, *o Matta*, de 61 annos de edade. Já tinha edade para ter juizo.

Incendio n'uma egreja.—Noticia um collega nosso que na egreja de Sirvalde, concelho de Ovar, se dera na manhã de domingo um triste acontecimento. Estavam dentro de um pequeno templo onde se apinhava enorme quantidade de fieis, os andores, que de tarde deviam figurar n'uma procissão. Como é sabido, esses andores d'aldeia são armados com grande quantidade de algodão em rama, e por um descuido fatal alguem chegou a um d'elles a luz d'uma tocha. O incendio manifestou-se logo e um panico enorme se produziu. Todos queriam ganhar a porta do templo, e n'esse vaivem irresistivel de tal modo ficou amolgada uma mulher, que falleceu hontem de manhã. Dois musicos a quem o terror transtornou a ponto de saltarem do coro, por onde se subia por uma escada de mão, ficaram tambem gravemente contusos. Além d'estas desgraças ha tambem muitos ferimentos mais ou menos importantes.

A' junta de parochia d'Albergaria.—O sr. presidente da junta de parochia de Albergaria a Velha pretende, na carta que abaixo lhe publicamos, defender a corporação a que preside, ou o seu thesoureiro, d'um facto de que nos queixámos aqui. Não carecemos de dizer que essa carta corrobora plenamente as nossas informações, e tudo o que, fundados n'ellas, dissemos. A junta não propoz em juizo acção alguma para cobrança dos seus fóros: tinha apenas tenção de o fazer, segundo diz. Portanto não tinha direito algum a exigir, e muito menos a levar qualquer quantia a mais do fóro. Custas, só podem receber-se as que são devidamente liquidadas pelo contador do juizo; nem os honorarios de advogado, nem os requerimentos podem legalmente entrar em regra de custas; e a chamada procuradoria só o respectivo juiz é que pode arbitral-a, e isso mesmo só quando há contestação.

D'aqui é que não há fugir. Como é que a junta se desculpa dizendo que quiz poupar custas ás partes, se afinal o que fez, segundo confessa, foi levar-lhes, a titulo de custas, o que lhe não era devido? Fazem favor de nos dizer para que é que se fizeram as petições iniciaes, se não era destinadas a serem distribuidas em juizo, nem o foram? E como é que os foreiros as haviam de pagar antes da sua apresentação em juizo, se nem mesmo quando afinal fossem judicialmente condemnados as teriam de pagar?

Nem a junta se desculpa bem, dizendo que só recebeu essas quantias dos foreiros que as quizeram pagar, pois deve saber que o art. 316 do Cod. Penal expressamente comprehende esse caso nas palavras *posto que as partes lh'o queiram dar.* Acreditamos sinceramente na boa fé *da junta; mas sentimos ter de continuar* a dizer-lhe que andou mal, e que não pode continuar a fazer o mesmo.

Sr. redactor do *Campeão das Provincias.*—No seu jornal n.º 3:494, de 2 do corrente mez, vem sob a epigrafe de —*Extorsão*—uma local, em que se diz que a junta de parochia de Albergaria Velha (da minha presidencia) ou o seu thesoureiro, está exigindo a cada um dos seus foreiros, quando não são do seu agrado, além do respectivo foro em divida, a quantia de 2:170 reis a titulo de custas, quando é certo que nenhuma d'essas dividas foi ainda relaxada, nem houve sequer principio algum de processo judicial ou administrativo para a sua cobrança.

Sendo o objecto d'esta local offensivo da minha dignidade, como presidente da junta alludida, tenho direito a esperar de v. que no primeiro n.º do seu jornal faça publicar as poucas linhas que vou escrever na minha defeza.

E' de todos conhecido n'esta freguezia o facto de se achar em grande atrazo a cobrança dos foros do aleiramento parochial da mesma freguezia, apesar de, por parte da junta da minha presidencia, e dos que a precederam, se terem empregado todos os meios para os regularisar, o que ainda assim, não foi possivel.

Vendo eu, e a junta a que tenho a honra de presidir, a reluctancia de uma grande parte dos foreiros em pagarem os seus foros em divida, com relação a alguns dos quaes se aproximava o praso marcado na lei para prescripções, depois de esgotados com os ditos foreiros todos os meios de persuasão para que pagassem os seus foros, para o que foram prevenidos por avisos escriptos, que lhes foram entregues, por editaes, e depois por uma e muitas vezes, por avisos verbaes, deliberamos demandar os remissos, e para esse fim démos ordem ao nosso advogado o bacharel Joaquim Antonio de Almeida Miranda, para fazer as petições necessarias.

Feitas algumas petições, a junta, ainda em beneficio dos foreiros remissos, sentindo que elles tivessem de pagar sommas relativamente quantiosas de custas, ordenou ao seu thesoureiro que os avisasse, e lhes recebesse os foros se quizessem pagar, e a despeza feita com o advogado e com os documentos com que foram instruidas as petições, se quizessem voluntariamente pagar as despezas que não eram as mesmas para todos os foreiros como se diz na local, mas variavel conforme a conta apresentada pelo advogado; e levou a sua indulgencia tão longe, que ordenou ao mesmo thesoureiro que recebesse os foros, ainda que os foreiros se recusassem a pagar as despezas feitas. E com effeito alguns (poucos) se recusaram a pagal-as, prestando-se apenas a pagar os foros, que lhes foram recebidos.

Os foreiros, que pagaram as ditas despezas foram apenas uns quatro ou cinco, e fizeram-no muito expontanea e voluntariamente e muito agradecidos por não terem sido chamados a juizo, onde as cousas lhes sahiriam mais caras.

Eis aqui a razão do procedimento da Junta de minha presidencia; o desejo de realisar a cobrança dos foros com o menor sacrificio dos foreiros, tem sido o seu empenho mas, *por bem fazer mal haver.*

O auctor da local quer filiar em politica o procedimento da Junta. E' simplesmente uma falsidade. As petições tem sido feitas contra muitos foreiros sem distincção de côres politicas, como o auctor da local póde facilmente saber se ainda o não sabe.

E' igualmente falso que o thesoureiro se tenha recusado a passar recibo pelas custas do advogado que tem recebido dos foreiros; apenas um: Domingos d'Almeida (que foi o que deu no gôto ao auctor da local) o exigiu, e lá o tem passado e assignado ha dias na thesouraria sem que o tenha procurado. Ainda n'este ponto foi infeliz o noticiarista.

Creio que, pelo que deixo dito, e por cuja veracidade respondo, o procedimento da Junta, n'este negocio, tem sido correctissimo e digno de louvor, que tem recebido de muitos dos foreiros contra os quaes procedeu d'aquelle modo.

Convença-se o noticiarista que a Junta de minha presidencia nem faz, nem consente extorsões. Se em questão de dignidade quizerem experimentar forças com ella, venham, e a final se verá quem sahe illeso da refrega.

Hoje fico por aqui.

Albergaria-a-Velha, 4 de junho de 1886.

O Presidente da Junta
José Luiz Ferreira.

Noticias Diversas

Caminho de ferro da Beira Baixa.—Expediu-se a portaria abaixo transcripta ao sr. director da fiscalisação dos estudos do caminho de ferro da Beira Baixa:—«Sendo presente a sua magestade el-rei uma representação da camara municipal do Fundão contra os estudos que se estão fazendo por conta da companhia concessionaria da linha da Beira Baixa, na parte comprehendida entre Alpedrinha e Fundão, e dos quaes resulta um desenvolvimento de 12 kilometros como substituição do tunel da serra da Gardunha que estava marcado no ante-projecto que serviu de base á licitação; e vista a informação do director da fiscalisação dos estudos da referida via ferrea, o qual se pronuncia contra a substituição em estudo, que sobcarregaria inutilmente o transporte de mercadorias e passageiros, ao mesmo tempo que alongaria a base de garantia de juro concedida pelo governo: ha por bem o mesmo augusto senhor mandar communicar ao referido funccionario, a fim de o fazer constar á companhia concessionaria, para que não haja perde de tempo e de despezas, que não podera approvar aquella substituição, quando venha a ser-lhe proposta, devendo n'aquella parte do traçado cingir-se a alludida companhia ao ante-projecto da licitação.»

Sandalias pontificias.—S. em.ª o cardeal-patriarcha de Lisboa levou, como offerta ao Santo Padre Leão XIII, um par de sandalias pontificias bordadas a ouro tendo cada uma uma grande estrella de brilhantes, esmeraldas e rubis. A bordadura foi executada por uma devota titular de Lisboa.

Preços reduzidos.—Começa ámanhã, 10 do corrente, até ao dia 20 de outubro proximo, a venda dos bilhetes de ida e volta a preços reduzidos validos por 60 dias, para as estações de aguas mineraes e banhos de mar, pela companhia dos caminhos de ferro do norte e leste.

Hydrophobia. — Foi mordido por um cão damnado em Celorico de Basto o sr. Pedro da Silva Pereira.

General Breyner.—Sepultou-se na sexta-feira em Lisboa, no cemiterio occidental, o general Antonio de Mello Breyner, um dos officiaes mais illustrados do nosso exercito e um dos soldados gloriosos das luctas pela liberdade.

Mello Breyner combateu intrepidamente nas linhas do Porto, sendo gravemente ferido nas acções de 29 de setembro e de 25 de julho, e foi um dos officiaes que n'este ultimo dia acompanhou o general Saldanha na carga, que ficou celebre na nossa historia militar.

No resto da campanha ainda se assignalou em Leiria, Torres Novas, Pernes e Almoster, e depois de terminada a guerra civil desempenhou com intelligencia notavel muitas e importantes commissões, pelas quaes lhe foram conferidas, além de outras distincções, as medalhas de oiro de valor militar, bons serviços e comportamentos exemplar.

No commando do corpo de estado maior, que actualmente exercia, o general Breyner deu provas repetidas da sua especialissima e notavel aptidão.

Mello Breyner foi deputado em diversas legislaturas, foi escriptor muito erudito, deixando diversas obras e opusculos de incontestavel valor, e que terão de ser consultadas por quem se der ao estudo das sciencias militares.

O finado era cavalleiro de Malta, de Aviz, da Torre e Espada, e official d'esta ultima ordem; commendador de Aviz, de S. Mauricio e S. Lazaro, de Carlos III e da Torre e Espada, grande official da ordem de Nichan, e condecorado com a medalha n.º 4 das campanhas da liberdada, com as medalhas de oiro, de valor, bons servivos e comportamento exemplar.

A festa da industria.—Realisou-se no sabbado em Lisboa pelas 5 horas da tarde, o acto solemne da constituição da Associação Promotora dos interesses da classe Operaria e iniciação do Instituto princeza D. Amelia, assistindo suas magestades e altezas.

Assim que as pessoas reaes chegaram, o sr. marquez de Pomares leu o respectivo auto de inauguração, que foi assignadd por sua magestade el-rei, todos os ministros e muitos operarios.

Em seguida el-rei declarou subscrever para a nova instituição com a quantia de um conto de réis, sua magestade a rainha, suas altezas o principe e a princeza, com quinhentos mil réis cada um, e o infante D. Affonso com duzentos mil reis. Dirigindo-se então el-rei aos directores, representantes e mestres das fabricas alli presentes, felicitou os promotores da festa da industria pelo excellente pensamento que haviam tido, dizendo que os abraçava a elles como abraçava a sua generosa idéa.

Expoz, em apreciavel clareza de phrase, os proveitosos fins da Associação e o grande interesse que por ella tomava; que de todas as festas realisadas por occasião do casamento de seu presado filho o principe D. Carlos, era esta a que mais satisfazia o seu coração de pae e de monarcha.

El-rei fez sobresair as vantagens que esta instituição trará ao conforto e bem-estar do operario, e quanto este merecia que por elle e suas familias todos se interessassem, visto que a classe operaria era a força vital e activa da industria e da riqueza publica. Accrescentou que o operario honrado e laborioso era um cidadão prestante e digno, merecedor da consideração do rei e do seu governo; portanto, aproveitando o ensejo, elle e o governo haviam resolvido galardoar com mercês honorificas alguns mestres das fabricas, que pela sua conducta e trabalho se tornavam dignos de tal mercê. Que n'outros tempos essas mercês eram apanagio da aristocracia; mas que hoje se haviam tornado a justa recompensa da honra e do trabalho em todas as classes da sociedade.

Portanto, ao collocar-lhes ao peito essas veneras, podiam sentir-se tão honrados, como el-rei se sentia honrado ao conferil-as.

Pouco depois desciam suas magestades e altezas pelo meio da apinhada multidão, que as saudou com estrepitosos applausos, e foram vêr o modelo do edificio que se projecta construir, e que chama todas as attenções da numerosa concorrencia; ergue-se ao lado do grande pavilhão, e seguem outros dois modelos de edificios pequenos.

O do Instituto fórma tres corpos, sendo maior o central, que tem no frontão este distico: *Associação Promotora da classe operaria;* por baixo uma grande figura de anjo abrange com os braços estendidos dois grupos de criancinhas núas. Dos lados do frontão estes dois disticos: *Instrucção primaria.—Artes e officios.*

Por baixo, correndo toda a linha do edificio: *Instituto Princeza Amelia.*

E ainda mais em baixo, depois da cimalha: *Maio.*—1886.

O corpo central tem 3 janellas em arco, de cada lado uma, e por baixo, sobre as portas: no centro,—*Armazens cooperativos*; á direita, *Habitações economicas*; á esquerda, *Sopa economica*. O conjuncto de todos estes disticos traduz perfeitamente os utilissimos fins da nova instituição.

Immigração portugueza.—No magnifico anuario geral da emigração européa, publicado pelo illustre estatistico, sr. Luigi Bodio, como director geral da estatistica do reino da Italia, vem este anno ampliada a parte relativa a Portugal com o numero dos immigrantes portuguezes em 1882, 1883 e 1884.

O sr. Bodio lamenta que os serviços da immigração não estejam ainda perfeitamente organisados no nosso paiz, apesar de diversas diligencias, e observa que, segundo a opinião do sr. Luciano Cordeiro, a quem deve a respectiva estatistica desde 1872 a 1884, póde calcular-se n'um terço inferior ao numero real de immigrantes, os algarismos indicados, que são os officiaes.

Estes ultimos são, «ainda assim,» os seguintes:

Immigração total: em 1882, 18:272, sendo do sexo masculino 14:425, do feminino 2:647, maiores de 14 annos 15:699, menores 2:573.

Em 1883: 19:250, sendo do sexo masculino 15:066, do feminino 4:185, maiores 15:936, menores 3:315.

Em 1884: 17:518, sendo do sexo masculino 13:740, do feminino 3:778, maiores 15:026, menores 2:492.

Temos pois que n'estes tres annos immigraram: 55:041 portuguezes do continente e ilhas, dos quaes 85 se dirigiram para a Asia, 1:604 para a Africa, e 53:352 para a America e ilhas de Sandwich. Segundo o processo americano de computar em «capital» o valor da immigração, a nossa correspondeu n'es referidos tres annos aproximadamente 50 mil contos. A immigração portugueza desde 1872 eleva-se a 186:360 immigrantes.

Correio da moda.—Da *Moda Illustrada*, excellente jornal para as familias, que se publica em Lisboa, extrahimos a seguinte chronica:

«Parecia que depois das festas do casamento real teriamos mil cousas de novo para dizermos ás nossas leitoras a respeito de modas; pois não acontece assim. O que se via nas innumeras *toilettes* era o que nós já lhes haviamos annunciado como novidades d'esta estação.

Os vestuarios foram esplendidos, e, raras vezes, entre nós, se tem visto tal diversidade e bom gosto nos trajos, como agora succedeu. Como as festividades foram muito differentes entre si, apresentavam as *toilettes* tambem grande diversidade. As de baile e grande gala em S. Carlos eram magnificas. O branco foi a côr preferida. As grandes caudas presas só na cintura, sendo umas todas lisas, outras cobertas de bordados, de rendas ou flores, davam grande magestade e elegancia a estes vestuarios. O velludo tomava parte em muitas das *toilettes*, formando n'umas a cauda e n'outras o avental ou as quilhas.

Quanto aos trajos curtos via-se de tudo em que nós já temos fallado nos nossos correios. Vestidos em etamine, foulard, renda, *voile*, burel, falhe francez, enfeitados com bordados, velludo, rendas, vidrilhos e contas em todas as côres. Estes ultimos enfeites ficam bem em todas as *toilettes*, quer sejam applicados sobre tecidos leves como o tulle e gaze, quer sejam sobre seda, lã ou velludo. As contas e vidrilhos usam-se em bordados, em guarnições, berloques e passamanarias e adornam não só os vestidos mas os manteletes e chapéus. As saias, com bastante roda, cahem em prégas fundas fazendo algumas apanhados, mas esses simples e pouco tufados. Os corpos são com as abas curtas nos quadris, na frente em bico e atraz, ou dobrado em machos ou tendo os quartos compridos formando a segunda saia como polonese ou vestido princeza.

Apresentam os chapéus apenas dois feitios. São as capotas, que se vão tornando microscopicas, mas ganhando em altura que perdem em largura e comprimento, e os chapéus chamados redondos, de umas dimensões exaggeradas. Os enfeites, tanto n'uns como n'outros, são collocados na frente em *aigrette*, dando isso ainda maior altura. As fitas de atar são de larguras differentes, conforme o gôsto das modistas. Algumas preferem as mantas de tulle, ou rendas ás fitas. O chapéu que a princesa Amelia tinha na sua entrada em Lisboa e depois os outros nas corridas e tourada tinham os enfeites velados por manta de tulle, vindo esta atar em laço debaixo da barba.

As luvas que mais se usam são as altas de pelle de Suecia em todas as côres finas, cobrindo o braço e fechando apenas no pulso com dous botões. Usase tambem a luva de Suecia curta com alto canhão de renda grossa e as luvas de seda com os canhões em abertos. Para as *toilettes* simples de manhã a luva é mais curta porque as mangas são mais compridas e n'esse caso trazem-se as luvas de Suecia ou belgas sem botões, um pouco largas e de côr escura ou os mitenes de um tecido não tão commodo e que têem a grande vantagem de deixar admirar as mãos quando ellas são bellas. Começa agora uma moda que o enxoval da princeza Amelia veio pôr em voga: são as luvas, tendo bordado sobre as costas da mão o monogramma da senhora para quem são destinadas. Uma coroa póde tambem substituir o monogramma.—*Elvira Gorjão.*»

Modas para homens.—Da correspondencia de Paris publicada no ultimo numero do *Elegante*, transcrevemos os seguintes periodos:

«Fallemos agora um pouco de modas. A primavera que, já declarei no principio d'esta carta, não está primando pela frequencia dos dias bonitos, nem por isso deixa de obrigar os elegantes a introduzir modificações nos seus actuaes vestuarios. Seria de mau gosto que nos mezes de maio e junho se vestisse como nos fins de dezembro e janeiro. O tempo corre ainda pouco benigno, é verdade; mas o frio deixou já de ser persistente e por isso as *toilettes* de tons claros e panos leves começam a apparecer com grande intensidade.

Se o vento ou a chuva, na sua qualidade desmancha-prazeres, se dão a triste satisfação de vir aonde não são chamados, o meio de combatel-os encontra-se no recurso do sobretudo ou no emprego do *paragon*.

Em todo o caso ninguem deixa actualmente de trajar roupas ligeiras—ninguem do mundo *comm' il faut*, entenda-se bem—e, para obedecer a esta exigencia da estação, fazem-se as calças, os fraques e os *vestons* de côres mais ou menos vivas, segundo a idade das pessoas que os vestem. Nas sobrecasacas assortoadas ou direitas é que o preto, o azul escuro, o verde bronze e o castanho continuam a ser sembre de rigor. Estas duas peças de vestuario, pela sua propria correcção, não se prestam como as outras á variedade dos matizes. Os sobretudos, usados este anno, são um pouco mais compridos que os do anno anterior. Emquanto á maneira de abotoar na frente os vestuarios, uns estão-se fazendo muito fechados, outros abertos até ao peito. Este eclectismo dá a cada um a vantagem de adoptar a fórma que mais lhe convém. Em calças e coletes é que não ha mudanças a notar—as primeiras ainda pronunciadamente *collantes* e os segundos sempre de um matiz que se harmonise bem com o resto do fato.»

Novas de Longe

A expulsão dos principes de França.—Diz o *Temps*:

«A lucta na commissão está exclusivamente circumscripta entre os partidarios da expulsão a todo o transe e os adversarios de qualquer medida n'este sentido. Os partidarios da expulsão apoiam todos a proposta Floquet, apresentada em 16 de janeiro de 1883, em consequencia do incidente do principe Napoleão, ou a proposta Duché, discutida e regeitada pela actual camara. Estas duas propostas têem o mesmo objectivo: ambas são a favor da expulsão immediata de todos os membros das antigas familias que reinaram em França, sem implicar intervenção alguma de parte do poder executivo.»

Acrescenta o mesmo jornal que o governo não faz questão da redacção do projecto, mas que é difficil predizer qual será o desenlace final d'esta questão. A maioria a favor da expulsão, na camara, não é muito grande.

Além d'isso têem-se dado incidentes que parecem prejudicar o projecto de expulsão no espirito dos republicanos opportunistas.

O ministro Sarrien disse no seio da commissão que os pretendentes não eram cidadãos como os outros e que o governo tinha o direito de se defender d'elles.

O projecto da expulsão limitava-se primeiramente ao conde de Paris e ao duque de Chartres, mas a ser approvado o projecto, parece que a expulsão se estenderá a outros membros das familias pretendentes.

A proposta Basly ácerca da confiscação dos bens dos pretendentes já foi examinada pela commissão e rejeitada.

Todos os membros se declararam oppostos a esta proposta, excepto dous, Madier Montjau e Bordeau que declararam que a questão merecia ser estudada sob o ponto de vista juridico, mas sem se estabelecer connexão com a da expulsão.

— A questão da expulsão dos principes em França continúa sendo o principal assumpto de que se occupam, não só os jornaes da republica franceza, mas tambem os da Belgica, Inglaterra, Allemanha, etc. Na opinião de um orgão do partido republicano conservador francez, esta questão parece comprometter mui sériamente a situação do gabinete Freycinet. Apesar dos esforços empregados por este para conjurar o perigo, antecipando-se aos radicaes, estes vão dia a dia ganhando terreno, e ha todo o fundamento de que a camara approve o projecto tal como a commissão o deseja. N'este caso a crise parece ser inevitavel. Freycinet e os outros ministros terão que demittir-se, formando-se então um ministerio radical, que transformará a republica de conservadora em vermelha. Diz-se, porém, e o *Temps* assim o dá a entender, que se trata de uma transacção entre o gabinete e os radicaes, fallando-se em um systema que consiste em expulsar pela lei os descendentes em linha recta, isto é, os pretendentes effectivos: o conde de Paris, o principe Napoleão e o principe Victor.

Um artigo complementar prescreveria que os outros membros das familias dos pretendentes não poderiam residir em França sem uma authorisação do governo. Este projecto intermediario, acrescenta o mencionado jornal, será examinado pelo conselho de ministros. Em todo o caso a situação politica em França não é das mais risonhas, e na opinião de outros jornaes, as mais graves complicações vão surgindo de momento para momento.

Os condes de Paris.—No *Soleil* lê-se o seguinte:

«O conde de Paris chegou hontem, domingo 30, a Paris pelo expresso de Bordeus, em companhia do duque de Chartres, da princeza de Joinville, e do conde de Haussonville, marquez de Beauvais e Dupuy. O principe de Joinville e a duqueza de Chartres achavam-se na *gare* esperando os viajantes.

A perfeitura da policia havia tomado sérias precauções; ninguem podia entrar na *gare*; um certo numero de guardas da paz e de agentes da policia, vestidos á paisana esperavam a chegada do comboio. Não houve, porém, incidente algum. O conde de Paris subiu com o duque e duqueza de Chartres para a carruagem que o esperava. O principe e princeza de Joinville seguiram n'outra.

A condessa de Paris, o duque de Orléans e a princeza Helena chegaram segunda-feira 31, e os condes de Paris, juntamente com seus filhos, partiram em seguida para o castello d'Eu.»

Como viaja o imperador da Russia.—Pelo motivo do lançamento á agua de um couraçado russo, o imperador Alexandre foi a Nikolaiew. Mas antes que se realisasse a viagem, o vice-almirante Pelschurs publicou um bando assim concebido:

1.º No dia da chegada de S. M. estarão fechados todos os cafés, restaurantes, cervejarias e estabelecimentos analogos situados nas ruas por onde ha-de passar o cortejo imperial.

2.º No pateo do palacio só poderão entrar as pessoas que tenham cartão especial da policia. D'esta ordem não ficam exceptuados os militares nem os familiares da côrte imperial.

3.º Durante a permanencia de S. M. na cidade fica prohibido o transito de carros e carruagens pelas ruas principaes da cidade.

4.º E' prohibido collocar cadeiras e bancos nos passeios das ruas.

5.º E' prohibido circular pelas ruas designadas para o transito de S. M., e correr atraz das carruagens imperiaes.

6.º E' prohibido o commercio ambulante, e serão tiradas da via publica todas as barracas, tendas, etc.

7.º E' prohibido subir aos telhados, ás arvores e ás grades.

8.º Permitte-se aos habitantes que embandeirem e illuminem as fachadas das casas desde as 11 horas da noute do dia em que chegue S. M.

9.º Não poderão circular cavallos arreiados pelas ruas designadas para o transito da côrte.

10.º Não poderão assistir á revista militar senão as pessoas que tenham um cartão especial da policia.

11.º Durante a passagem do yacht imperial pelos rios Bug e Ingul não poderão navegar as embarcações particulares.

Projecto de forças navaes em Hespanha.—A convite do general Beranger, reuniram-se ha dias no ministerio da marinha hespanhol, vice-almirantes, contra-almirantes, vogaes do conselho do governo, generaes de artilheria e outros cavalheiros, afim do ministro lhes dar conhecimento do seu projecto de dotar a Hespanha com uma esquadra digna da sua importancia maritima e colonial, sendo o projecto acceite e enthusiasticamente apoiado como um trabalho de merito e que faz honra ao general Beranger.

Eis as bases fundamentaes do projecto:

Crear-se um orçamento extraordinario de construcções navaes, de 225 milhões de pesetas, pagaveis em nove annos. Applicar-o á construcção de navios de diversas classes, para formar uma esquadra de primeira classe, toda composta de navios de nova construcção, e outra de segunda classe com alguns navios e os antigos que puderem prestar serviços uteis.

ESQUADRA EM PROJECTO

Navios para serviço de guerrá

11 grandes cruzeiros de 3 a 5:000 toneladas de deslocamento, de 21 milhas de velocidade e 12:000 milhas de campo de acção.

10 cruzeiros torpedeiros de 1:000 a 1:500 toneladas, velocidade de 18 a 23 milhas e o maior campo de acção possivel.

16 torpedeiros de primeira classe de 100 a 120 toneladas, velocidade de 24 ou maior numero de milhas e de 1:500 a 2:000 de campo de acção.

42 torpedeiros de segunda classe de 60 a 70 toneladas.

Um transporte arsenal de 3:000 toneladas.

Navios para serviços especiaes

12 canhoneiras-torpedeiras de 350 a 500 toneladas, velocidade de 16 a 18 milhas.

16 canhoneiras-torpedeiras de 200 a 250 toneladas, velocidade de 14 a 16 milhas.

20 lanchas a vapor de 30 a 35 toneladas e de 12 a 14 milhas de marcha.

O orçamento para a construcção d'estes navios está calculado em 189.900:000 pesetas.

Navios em construcção—Couraçado *Pelayo* de 8:800 toneladas, 15 milhas de velocidade e 2:000 de campo de acção. Cruzeiro *Reino-Regente* de 4:800 toneladas, 20 milhas de velocidade, e de campo de acção 12:000.

Cruzeiros-torpedeiros *Cuba y Luzon* de 1:050 toneladas, 17 milhas de velocidade e 2:200 de campo de acção.

Outro *Destructor* de 350 toneladas, velocidade 22 milhas e meia e 3:700 de campo de acção.

Quatro torpedeiros de primeira classe das condições indicadas para os que estão em projecto.

Cruzeiros *Affonso XII, Reina Christina*, e *Reina Mercedes*, de 3:090 toneladas, velocidade de 16 milhas e 4:200 de campo de acção.

Cruzeiros *Conde de Venadito, Infanta Isabel, Don Juan de Austria, Isabel II, Colon* e *Ulloa*, de 1:055 toneladas e 14 milhas e meia de velocidade e 1:600 de campo de acção.

Para a conclusão d'estes navios serão applicados 22: 600:000 pesetas.

Além d'isto, serão orçadas obras para o desenvolvimento dos arsenaes no valor de pesetas 12.500:000, que, com as quantias anteriores, farão o total de 225 milhões de pesetas.

Podem terminar-se todos os navios em construcção e os projectados no praso de quatro annos embora o pagamento se faça em nove. A Hespanha terá portanto a seguinte organisação de forças maritimas:

Esquadra de primeira classe

Em construcção e em projecto:	
Couraçado *El Pelayo*	1
Cruzeiros de 1.ª classe	12
Idem de 2.ª e 3.ª classes	13
Torpedeiros de 1.ª classe	100
Idem de 2.ª classe	50
Transporte-arsenal	1
Total de navios	177

com as toneladas de deslocamento que estão indicadas em cada um dos navios.

Esquadra de segunda classe

Navios actuaes e em projecto:	
Couraçados	2
Cruzeiros de 1.ª classe	6
Navios de 2.ª e 3.ª classes	32
Idem menores	53
Total	93

Os couraçados são: as fragatas *Victoria*, com 7:250 toneladas, e *Numancia*, com 7:305 ditas:

Cruzeiros de 1.ª classe: *Aragon, Navarra, Castilla, Affonso XII, Reina Christina, Reina Mercedes*, de 3:342 toneladas os tres primeiros, e de 3:091 ditas os ultimos.

Navios de 1.ª e 2.ª classe: *Velasco*, de 1:152 toneladas; *Jorge, Juan e Sanchez Barcaitegui*, 935; *Fernando el Catolico e Marquez del Duero*, 500; *Valiente e Prosperidad*, 733; *Liniers*, 548; *San Quintin*; 1:300; *Magallanes, Elcano, Concha, Lezo*, de 524; *Infanta Isabel II, Don Antonio Ulloa, Conde de Venadito, Cristobal Colon* e *Juan de Austria*, de differentes tonelagens.

Doze canhoneiras em projecto.

Navios menores—*Ferrolan, Gaditano, Legaspi, Pelicano, Cocodrilo, Salamandra, Pilar, Paz, Eulalia, Alsedo, Cuba Española, Ebre Bidasoa, Teruel Nervion, Toledo, Tajo, Arlanza, Segura, Diligente, Atrecido, Guardian, Contramaestre, Ericsson, Cazador, Canto, Gacela, Telegrama, Descubridor, Yumuri, Marati, Mindanao, Filipino, Prueba, Indio, Fradera, Vigia*, canhoneiras mais ou menos antigas, que variam entre 262 e 80 e ainda menos toneladas. Além d'estas 16 canhoneiras em projecto de maior tonelagem.

Os outros navios de grande ou pequena arqueação serão declarados inuteis e vendidos.

Tal é o projecto para a reorganisação da esquadra hespanhola, que publica o *Liberal*.

A erupção do Etna.—Segundo participam de Roma apparecem novas crateras no Etna, mas diminue de intensidade a corrente de lava, e por isso renasce na população a esperança de que a catastrophe não tenha maior incremento. A corrente principal da lava tende agora a solidificar-se.

A proposito do Etna, diz em uma folha estrangeira:

«O Etna, cujas erupções são cada vez mais ameaçadoras, é o maior e o mais perigoso de todos os vulcões que ha no globo.

A base do Etena mede uma circumferencia de 65 leguas, e a sua altura é de uns 4:000 metros acima do nivel do Mediterraneo.

A superficie conica do Etna divide-se em quatro zonas sobre-postas e perfeitamente determinadas. A primeira, junto á base, tem mais de dez leguas de largura; acha-se muito povoada e bem cultivada. N'esta zona, encontra-se a cidade de Catania. O terreno é formado por antigas lavas e cinzas de varias erupções e não pode ser melhor para a cultura da vinha e dos cereaes.

A segunda zona tem umas 45 leguas quadradas. E' mais inclinada que a primeira e acha-se completamente coberta de arvoredo. Subindo, chega-se á terceira zona pobre e arida, onde se vêem grandes manchas de herva, e d'alli até ao cume encontra-se a quarta zona coberta de neves perpetuas.

No vertice da immensa mole conica encontra-se a grande cratera, d'onde saem sem cessar penachos de fumo.

Mas, perguntará alguem, offerecendo tantos perigos as encostas de uma montanha de tal natureza, porque é que se construiram alli cidades villas e aldeias?

Por muito tempo o Etna permaneceu inactivo, sem que se observasse o mais leve signal de que se repetissem as erupções. Aquella terra fertil, como nenhuma, em consequencia das enormes quantidades de cinzas vulcanicas que a adubam, excitou a cobiça dos pobres lavradores das immediações, que com pouco trabalho obtinham colheitas abundantissimas, e por esse motivo as povoações foram-se pouco a pouco fundando.

A historia dos desastres causados pelo Etna é desde então uma historia de lagrimas, de catastrophes e de ruinas. A erupção de 1669 destruiu cincoenta e uma povoações, causando a morte a mil pessoas.

Depois d'esta medonha erupção não se apresentou uma catastrophe e egual; mas de vez em quando, como succede actualmente e em periodos deseguaes, entra em actividade o vulcão, que, lançando a consideravel altura a abrazadora lava, semeia na sua passagem a desolação e a morte.

Felizmente que ainda d'esta vez as desgraças não são tantas como a violencia da erupção o fazia presagiar.

Exposição de cães em Paris.—Já está aberta em Paris, nos Campos Elysios, a exposição canina de 1886.

As velhas raças francezas já não existem em França. Ha, comtudo, algumas variedades perfeitamente determinadas e que differem essencialmente dos exemplares estrangeiros. D'esta primeira parte ha expostos 498 animaes, taes como: cães para corrida «griffons», perdigueiros, «bassets», «épagneuls» «briquets», etc. Vinte das mantilhas que alli figuram não podem ser melhor escolhidas.

Os dogues francezes, os cães de fila, atrahem muito justificadamente todas as attenções. Um certo numero dos animaes expostos são destinados á venda, e para se avaliar da estimação em que os têm seus donos, basta dizer que por um doge e por um cão gozo pedem 216$000 reis!

A segunda parte do concurso deve ter logar brevemente, e comprehenderá cães de raças estrangeiras, em numero de 1:073.

Dois dos premios intitulados «Championnat» foram distribuidos: um á matilha mais egual e fina, e outro a um grupo de perdigueiros francezes. Tambem alcançaram premio duas matilhas de cães da Vendéa.

Segundo o uso, o grande premio de honra foi offerecido á Sociedade de Incentivo («encouragement») pelo presidente Grevy, como recompensa dos seus esforços, para o aperfeiçoamento das raças.

Julio Grevy deu este anno á sociedade uma bella estatua de Sèvres, representando a *Republica*.

Mercado de fructas em Londres.—*Laranjas*—Pouca animação ha no mercado, e os preços em geral mostram alguma baixa.

Limão—Tem havido procura activa, a preços altos por fructa de boa qualidade.

Cebollas—Pelas seccas e boas da ultima colheita de Lisboa tem havido boa procura a 9 s. a 10 s. A condição da nova colheita, vendidas em Liverpool, não foi sactisfactoria.

Batatas—Supprimentos abundantes, e os preços das novas de Lisboa teem baixado alguma coisa.

CONTAS E CONTOS

Pertence ao nosso collega do *Progresso* o artigo que segue:

Os jornaes da opposição continuam a estar divertidos com o calculo das despezas feitas, á custa do thesouro, por occasião dos festejos do casamento. Notámos outro dia que, ao passo que os jornaes republicanos computavam essas despezas em 2:000 contos, a *Nação* apenas as calculava em 280 contos, havendo, além d'isso, o correspondente de um jornal estrangeiro que as calculou em 450 contos.

Mas é certo que todos elles calculam o dispendio total dos festejos, sem nenhum d'elles distrinçar o que foi feito á custa do thesouro e o que saiu dos cofres particulares, ou fosse de associações ou fosse de individuos. E sabem os republicanos, como sabem os miguelistas, como podiam saber facilmente os correspondentes estrangeiros, se se dessem ao incommodo facil de pedir informações, que para o dispendio total concorreram, além do governo, tres grandes grupos, e muitas commissões menores que se organisaram em todas, ou quasi todas as freguezias de Lisboa. Dos tres grandes grupos, um era representante da companhia real dos caminhos de ferro portuguezes, outro era representante da associação commercial de Lisboa, outro era composto de grandes capitalistas, e constitue «commissão central dos festejos» de Lisboa.

Para se poder calcular quanto gastou o governo era mister saber primeiro quanto gastaram esses tres aggrupamentos, que todos estavam em condições de gastar muito, sem terem de dar contas a nenhum partido politico, e era preciso tambem saber quanto foi dispendido pelas commissões das freguezias, que á sua custa adornaram e illuminaram alguns largos e ruas da cidade, no uso pleno do seu direito, e sem dependencia nenhuma de contas que hajam de dar aos republicanos, aos miguelistas, ou ás nações estrangeiras.

Diminuindo tudo isso da somma total dos gastos, é evidente que fica reduzida a proporções que bem se podem dizer insignificantes a responsabilidade do dispendio que ficou a cargo do governo. Se a somma foi de 280 contos, como quer a *Nação* (papel) a coisa não vale discussão. Quando fosse de 450 contos, como disse o correspondente do *Times*, ainda é pequena a responsabilidade do governo. E só mereceria verdadeira consideração se podesse tomar-se a serio a somma de 2:000 contos, em que os jornaes republicanos, e nomeadamente o *Seculo*, calculam o gasto geral dos festejos.

O proprio *Seculo*, porém, que tanto apregoou os 2:000 contos de despezas, viu-se em serios embaraços para trocar em miudos essa quantia, e em dois numeros seguidos apresenta contas tão diversas, que bem se vê que de nenhuma d'ellas tem consciencia, ficando ambas, na somma total, muito inferiores aos taes 2:000 contos com que fazia grande espalhafato.

Assim é que, no *Seculo* de quinta-feira, 3, disse o seguinte:

E senão, vamos a contas.

100:000$000 réis (pão do milagre) para rosas e outras flores de mimo; 400:000$000 réis para emplumar, enfeitar e aconchegar o ninho do principe enamorado; 200:000$000 réis para albergar aquellas boas alminhas do conde de Paris, manos, manas, tios, tias, sobrinhos e sobrinhas, 60:000$000 réis para mobilia d'Ajuda, Queluz, Caxias e outras partes; 30:000$000 réis para machina electrica de S. Carlos, transporte e viagem do canario das ilhas; 20:000$000 reis para o hyppodromo de Belem, 80:000$000 réis para os palanques da Avenida; reis 60:000$000 para adornos em S. Domingos.

Temos já 950:000$000 reis,

E no numero de hontem 4, já apparecem outras contas, muito inferiores áquellas, e que o jornal diz que tem por authenticas. Publicando-as tambem, pedimos aos leitores que confrontem verba por verba, porque hão de achar graça n'esse pequeno trabalho.

Assim, por exemplo, na conta de quinta-feira apparecem 400 contos para «emplumar, enfeitar e aconchegar o ninho do principe enamorado», isto é o paço de Belem: e na conta de hontem, apenas 24 horas depois, apparecem como gastos «no paço de Belem—66 contos de reis.» Uma differença para menos *apenas* de 334 contos.

No primeiro rol de despezas appareceu como despendidas, nos palanques da Avenida 80 contos, e nos adornos de S. Domingos 60 contos; e no segundo, as despezas da Avenida sommaram 21 contos e as de S. Domingos 18 contos.

Isto é, as duas verbas sommadas dão quantia pouco superior a *metade da menor* que elles davam por gasta, que é a de S. Domingos. As demais verbas estão em iguaes condições. Vejam os leitores, em vista da seguinte transcripção textual do *Seculo* de hontem:

Eis as nossas informações que temos por authenticas.

No paço da Ajuda gastou-se, numeros redondos, 26:000$000 reis, no paço de Belem 66:000$000 reis; nas Necessidades, 25:000$ reis; afóra as despezas, que ignoramos, feitas no paço de Caxias, e outras importantes em reis 10:000$000 feitas tambem na Ajuda e principiadas antes de se tratar do casamento do principe real.

Afóra isto, a ornamentação de S. Domingos importou no melhor de reis 18:000$000; as despezas da Avenida sommaram 21:000$000 reis. e para coretos, semeados como sentinellas perdidas, pelo caminho de Belem, pagou o ministerio 9:000$000 reis. E note-se que nada d'isto saiu dos 100:000$000 réis concedidos a s. m. el-rei pela camara para occorrer ás despezas extraordinarias, nem nós podemos devassar todos os mysterios dos ministerios.

Pelo primeiro rol de despezas, com todas as suas disparatadas exaggerações, o *Seculo* apenas conseguiu encontrar a somma de 950 contos, menos de metade dos proconisados 2:000 contos, dizendo que o resto, (que é a maior quantia), se gastou em *despezas varias*, que houve por bem não designar.

A somma do segundo rol, que elle diz authentico, já vem muito para baixo, sendo apenas de 171 contos, e quando fosse verdade, como não é, que nenhuma d'essas despezas «saiu dos 100 contos concedidos a sua magestade el-rei pela camara», e que, por isso, tivemos de addicionar os 100 contos destinados a el-rei pelo parlamento a esses 171 contos, ainda achavamos a somma de 271 contos, que por sombras se parece com os 2:000 contos das phantasias republicanos.

Expondo factos, não tiramos conclusões, não só porque seriam desnecessarias, mas porque já o artigo vae grande em demasia. As conclusões saem expontaneas do bom senso de quem lê.

PATRIÆ INTERITUS (1)

Por meio de uma inqualificavel acção, que á face da philosophia do Direito Publico e internacional só significa um crime de leza-magestade, de leza-nação portugueza, e de leza-dignidade propria do homem que não torce a verdade e a razão, acaba o sr. rei dos Belgas de mandar, perante as regias faces do sr. D. Luiz I, estabelecer, (como uzurpador do governo dos ficticios Estados independentes do Congo) *direitos, alli, sobre todos os artigos exportados*. Começamos de braços encruzados a vermo-nos impobrecer, e a ser saqueados por um combinado amigo da Inglaterra, e manifesto contrariador dos nossos direitos coloniaes, e com coacção, não só da corôa como dos mais poderes publicos em Portugal!

O que significa isto á face de tanto regosijo e jubilo por occasião do auspicioso consorcio do herdeiro da corôa com a virtuosa filha d'Albion, e da familia d'Orleans? Que conjuncto é este de circumstancias, para complemento das quaes só faltava, por vias indirectas, uma nova influencia britanica penetrando orgulhosa atravez da nossa já mesclada politica, como quem diz para o mundo: *Ecce coloniam meam! Lusitaniam ecce!*

Essa nova, apparecida no *Jornal de Noticias* de 14 de maio, é a série da de 11, em que o jornal declara:—«Diz-se que o sr. conde de Rilvas deixará a legação de Bruxellas, sendo nomeado um novo ministro, que não sómente será acreditado junto d'aquella côrte, mas tambem junto do rei Leopoldo como soberano do novo estado do Congo, em vista dos importantes interesses que temos a vigiar e zelar em relação a esse novo estado.»

Bella cousa! Isto é, como se nos deixassemos primeiramente roubar para depois seguirmos com os olhos o ladrão, em vista dos importantes interesses que temos de vigiar, e zelar em relação ao fardo que nos levam. Isto é incrivel! Isto é ignominoso! Pois já não haverá um duque de Saldanha, um Sá da Bandeira, um Rodrigo da Fonseca Magalhães, um Passos Manuel, e finalmente um barão da Ribeira de Sabrosa?... Tudo silencio!... Ninguem responde!... Tudo como algemado e sujeito, cada vez mais, á politica deprimente: mas todos fascinados, e illudidos nas lindas côres dos estandartes; nas luminarias; nas musicas; nos fogos de artificio; e o fogo real e verdadeiro a lamber-nos os sertões da nossa Africa, e a derreter o minerio para sahir em lavas pelo Zaire, e Lourenço Marques, para ser transportado ás nações, que nos fazem figas, e judaicamente nos cospem na face!... Mas não: não será assim.

Ninguem acredite na nomeação a que se refere o *Jornal de Noticias* de 11 do corrente. Nomear el-rei de Portugal pelo seu ministerio a um ministro plenipotenciario em logar do sr. conde de Rilvas, para ser acreditado perante el-rei Leopoldo, como soberano da Belgica, é muito natural, visto que essa soberania havia sido constitucionalmente em côrtes reconhecida d'essa nação, e da nossa: mas nomear um plenipotenciario para ser acreditado perante o soberano de um Estado, que, nem tal soberano, nem tal Estado ainda fôram reconhecidos pelo nosso parlamento, isso seria o mesmo que manifestar-se uma traição á patria, o que eu no meu ultimo artigo attribuo a um caso singular. Seria o maior dos absurdos!

Por conseguinte, como nos não é dado interpretar o que lá vai nas altas regiões politicas; a que todos os amigos da patria podem certamente acreditar, é que esse mysterioso *intercalarium* do dia 27 ou 28 do mez passado hade ser philosofica e patrioticamente analisado em pleno parlamento, aonde se levantará então a cortina, e se verá claramente a innocencia e dignidade do nosso augusto monarcha. As côrtes então resolverão se convem, ou não a cedencia dos nossos nacionaes territorios, historica e restrictamente delimitados, e avaluados, para que a nação conheça a verdadeira quantidade e qualidade mineria d'esse novo Estado do Congo, como terreno da nação, todos temos alli moralmente direitos a uma proporcional gleba colonial. El-rei servir-se-ha mandar apresentar o tratado, ou convenção com a Associação internacional do Congo etc., como prometteu no discurso do abrimento das côrtes actuaes; e no ceio da mais complacente, generosa, mas penetrante discussão sobre a convenção e todas as suas insanaveis anomalias, se verificará que o que aqui é muita coacção por grande pressão occulta da politica estrangeira, que é necessario acabal-a de uma vez, para que não acabemos lentamente. Eu lembrarei o remedio, e unico remedio, que illiminará o nominativo occulto que anda n'esta questão do Congo, e de toda a nossa Africa. Quem acreditaria que o ampliado e florescente reino de D. Manuel se tivesse hoje transformado em um esteril e limitado cemiterio, aonde nem uma moeda de ouro puro portuguez se acha enterrada, ou desenterrada!... mas tudo cruzes e grans-cruzes sobre as lapidas de extintas colonias!

O modo como na actual questão do Congo as nações interessadas, alliás nossas alliadas, se tem portado para com a nação portugueza, mostra que, se não é licença, ou libertade desenfreada, está bem longe de ser liberdade juridica; por que não é com a astucia e ausencia de franqueza que se adquirem direitos territoriaes: e Deus livre a quem quizesse interpretar a fundo o resultado achado no meu problema nacional. O tempo o irá mostrando: mas talvez que já não seja preciso.

A Inglaterra, a Allemanha, a Italia, a França, e especialmente a Belgica, cujo rei, a meu ver, muito se assemelha a uma especie de agente disfarçado da Inglaterra, bem devem conhecer na sua consciencia, que nas actuaes circumstancias em que se acha a Europa, que está ainda como um noviciado no systema politico constitucional, é arriscar tudo quanto se tem avançado para se implantar a liber-

(1) No meu ultimo artigo *Interitus Patriae*, onde se lê—*Ministerio como representante do poder legislativo*; leia-se—*Ministerio como representante do poder executivo.*

dade, se se mostrar que esta se torna tão facilmente em um completo despotismo, quando pretende de uma nação, menos forte, aquillo a que ella, por falta de força, não pode reagir.

O modo como algumas nações se tem aproveitado de differentes pontos do littoral da nossa Africa para alli assentarem seus estabelecimentos, e a que Portugal por inimitavel complacencia politica tem annuido, sem que comtudo tenha deixado de soffrer n'isso uma callada coacção, não deixa de ser realmente uma atroz injustiça, que acontecida em um paiz menos generoso e em melhores circumstancias, daria causa a quebras de alliança, ou ainda mais.

Mas todas estas mais ou menos uzurpações, ou premeditadas occupações de nossos terrenos africanos, não passavam de abocanhamentos no littoral da nossa Africa, que, por isso mesmo que são pontos importantes, não foram talvez por nós cedidos, nem por ellas talvez adquiridos por tratados restrictamente internacionaes e debaixo de todas as conveniencias e formalidades, que satisfazem sufficientemente ás duas partes contratantes, sobre tudo a nós, como senhor d'esses territorios. Não satisfeitas essas nossas alliadas com as posses d'esses pontos do littoral; mandando (como se a propriedade não fosse alheia) por exploradores habilissimos estudar profundamente o minerio dos terrenos, levaram mais ávante o seu arrojo; ambicionaram penetrar no interior do sertão, e tomarem a pouco e pouco posse d'elle, até que um dia lhe chamassem cousa sua: e para justificar essas ambições de terreno, começando por desacreditar a nossa patria por todos os angulos da terra, acabaram por doctrinar um erro, um falso principio contra a sciencia da economia politica, dizendo, ou querendo dizer que a abundancia no mercado procedida do grande desenvolvimento da industria fabril e agraria dá a falta de procura, e d'ahi nasce a questão social, a fome dos povos! Como se a fome estivesse na razão directa dos meios para a matar, e não na inversa do monopolio d'esses meios!

E' por essa abundancia de meios comestiveis como cereaes, e não comestiveis como artefactos, que as nossas alliadas querem sophismar a intenção de nos invadirem o interior da Africa, como se lá se precisasse de artefactos, de que bem prescinde, ou de comestiveis de que abunda.

Andamos todos tão desconfiados da influencia estrangeira na nossa patria que, por minha parte, não sei mesmo se deva duvidar da fome de Cabo Verde tão proclamada em 1883; pois que, se a subscripção que se promoveu aqui prova essa calamidade, vêmos por outro lado que esse ponto fica entre o Senegal e a Gambia, habitado por negros, que se occupam na agricultura, ou a sustentar-se de gado: mas seja como fôr: uma vez que toquei na questão social que anda lá pelas nações que tanto nos querem, ou ainda mais á nossa Africa, direi de passagem duas palavras para vêr se se descobrem os meios de obstar aos males da fome, que tanto as affligе.

Diz a sciencia que *a economia é baseada sobre a sã e esclarecida razão, a qual nos priva do consumo superfluo, para nos facultar o consumo necessario diuturnamente.* Este principio está em contradicção com o progresso do luxo interno e externo, que as nações estão promovendo por toda a parte com artefactos, cuja abundancia é muito superior á procura. Este caso dado nos generos alimenticios é effectivamente uma felicidade para a hunidade em geral; por que e ninguem faltaria o pão nem talvez aoa mendigos por sobras; e o *pauperismo* acas baria. Dizem os jornaes que a abundancia dos generos alimenticios existe; e a falta de procura para o consumo é que produz a fome.

Estarão os famintos no caso da Samaritana? Não: estão em outras e muito peiores circumstancias: estão como se um chefe de, que tendo os seus dependentes cheios de necessidade, elle tem defronte d'elles o alimento, e barato: mas que nem a esse preço elles podem chegar; por que esse barbaro monopolista, nem mesmo consente que elles ganhem para lhe comprarem o pão, que com fartura é levado pelos capitalistas ociosos.

O primeiro instrumento da industria qualquer que ella seja, é o trabalho humano quer seja material quer immaterial; assim o diz a sciencia.

Ha homens que trabalhando, o seu ganho só lhes chega para comer, vestir, calçar, e a sua familia, e pagar rendas de cazas. Outros ha que lhes chega para esses misteres; mas, além d'isso, podem fazer peculio que o empregam por exemplo no negocio, etc. Trato aqui só do trabalho material immediato.

Haverá por acaso aqui alguma pessoa ou cousa que se opponha a este santo ministerio do homem livre, que o coacte, que lhe tolha os braços, que lhe negue o salario com que compra tão honradamente o pão para si e os seus? Que o leve ao delirio de gritar desesperado pelas ruas: Quero trabalho d'aquillo a que só me appliquei, e aprendi! Tenho fome! Quero pão! Morram os ricos!—Eis aqui o resultado da abundancia de machinas, que dá a desnecessidade de braços, e a falta do pão aos que n'aquella industria trabalhavam, como acontece na Inglaterra, Allemanha, França, etc.

Outros homens ha, que, por apredizagem, ou mesmo por producto de suas herdades, só se applicam a um especial negocio consumindo apenas em si, e em sua familia todo o seu haver para comer, vestir, calçar, etc., e que ficam como esperando por suas novas colheitas ou lucros adventicios, estes são na maior parte os lavradores, etc.

Outros applicando-se, desde seu principio, a uma determinada especie de negociação, (com inhabilidade muitas vezes para qualquer outra) chega-lhe o ganho com parcimonia para os seus misteres, e o pouco que lhes sobra o applicam á continuação de um limitado commercio. Aos ganhos d'estas duas especies de negocio, licito e independente haverá tambem alguma pessoa, ou cousa que lhe faça guerra e guerra de morte?

Ha; e é a abundancia de commercio, que dá exuberancia de offerta, e logo a escassez de procura d'esse genero; e tem origem na acção de machinas que tanto facilita o apparecimento de toda a abundante qualidade dos productos no mercado. Eis aqui como as machinas, olhadas por este lado, são contra os industriaes que d'ellas não uzam, e contra os negociantes pela abundancia, que não consente a alta ou preço conveniente fóra do mercado.

Estas quatro especies de trabalhadores são bem uteis aos Estados pelas contribuições industriaes; e ao governo, parece que, para os não descontentar e conservar equilibrio entre a vantagem da industria manufactureira com a das machinas, deveriam lançar sobre ellas contribuições de industria mechanica calculadas pelo expediente diario das machinas: mas tal não acontece, nem remediava o mal dos despensados: assim o dono da machina enrequece á custa da economia dos braços que dispensa ao trabalho. Eis aqui tambem o motivo por que estas duas classes similhantemente oprimidas por falta de ganhos, desesperadas gritam no numero dos amotinados, como se está vendo na Belgica etc., etc.

Vemos por outro lado um grupo, uma classe como de ociosos entre a sociedade, que não trabalham nem para ella, nem para si, e á custa de capitaes que arriscam nos Bancos e Companhias, fazendo suppor que alimentam sempre estes nas suas bancarias operações, chegam, ás vezes, em certo numero de annos o exceder em juros uns poucos de capitaes, obrigando assim a Companhia, ou a diminuir o preço do juro, ou quebrar.

N'este caso estão os que, não se occupando em trabalho algum para ganhar o pão da vida, tem effectivamente haveres para o passadio, e nada mais: n'este caso estão os juristas de fracos capitaes, ou capitalistas mediocres: felizes se não forem ambiciosos.

A esta classe de cidadãos, ou individuos de trabalho negativo, cuja maior parte se compõe de ex-industriaes, que por uma limitada ambição formaram o seu capital, de cujos juros comem, e alguns continuam em negocio de menos monta, que na maior parte são os negociantes de retalho; todos tem contra si a reducção dos juros das Companhias e Bancos procedida da aluvião de outros Bancos e Companhias; porque estes tem de equilibrar o haver de suas operações com o debito dos juros. De fórma que a abundancia de Companhias e Bancos está para os accionistas, como as machinas para os trabalhadores; porque um dia virá que a Companhia quebre, e os accionistas tambem perderão o seu pão. Por especulação uma grande parte d'essas Companhias são anonimas e de responsabilidade limitada.

Ha finalmente outra classe de ociosos independentes, que sem negocio, nem trabalho são poderosos, que constituem a chamada aristrocracia do dinheiro. D'esta classe ha um grupo, que tendo constituido o seu capital, já não precisa negociar para ganhar o pão: mas os seus rendimentos só lhe chegam para um passadio de abundancia e luxo.

Acima d'estes estão os milionarios, na maior parte ex-negociantes, que pela exuberancia dos juros de seus capitaes em Companhias, Bancos, etc., tendo um passadio muito superior ás maiores commodidades humanas tudo n'elles é luxo. Estes são actualmente os grandes aristocratas, que em Inglatera tomam o nome de Lords, contra os quaes tão injustamente gritam os famintos, em vez de clamarem contra os governos, a quem só compete a administração economica e financeira do grande cofre do Estado. A estes dois grupos se oppõem as crises economicas e commerciaes, que dependem da administração dos governos.

E' por esta administração que os governos, que não curam senão do presente e não do futuro, (porque apenas se contentam do seu orçamento annual,) dão occasião a crises difficeis de remediar. Entre nós, por exemplo, que comparativamente aos paizes verdadeiramente agricolas, e ás nações extremamente industriaes, somos nada; vemos que os governos se arrojam em successivas despezas, que tem por objecto accidentes e casos impensados, sem, muitas vezes, attender a que a receita ordinaria do Estado está soffrendo um grande desfalque na exuberante verba da contribuição industrial, relativa especialmente ao grandissimo numero de braços, que são dispensados pelos proprietarios de machinas industriaes; verba escassamente substituida por aquella que o Estado recebe pelos direitos da importação da machina, e contribuição industrial do dono que a faz pôr em actividade.

Vê-se por outro lado que os governos não se aventuram a dar um muito maior impulso ao desenvolvimento da agricultura, não se aventura a dar um muito maior impulso ao desenvolvimento da agricultura, não por meio de machinas de lavora agricola; mas por meio dos braços nacionaes portuguezes, que pagariam de boa vontade uma minima contribuição para o Estado, e que assim dariam para a receita ordinaria uma verba muito superior áquella que o governo colhe dos direitos de importação das machinas agricolas, e da contribuição industrial do dono que as põe em actividade. Para onde correrá o povo trabalhador com os braços abertos pedindo o mais importante instrumento da producção (o trabalho) que não ache fechadas as portas, pela insensivel machina, que lhe nega o pão ganho pelo suor!

O trabalho considerado tambem como instrumento para a applicação de braços, deve ser distribuido por cada trabalhador, como se fôra um capital da propriedade humana: mas como pode elle ser distribuido, se pela machina inconsciente o seu dono só o distribue pelas rodas da mesma machina? Logo cada dono da machina monopolisa, em um só ente inconsciente e material, o trabalho de muitos entes intelligentes; rouba-lhes o capital do trabalho, nega-lhes o salario, e mata-os á fome: eis aqui a questão social, que pode chegar mais cedo ou mais tarde á nossa patria, por culpa dos governos, que não querem levantar até bem alto os direitos de importação das machinas, por suporem que da falta d'ellas provém a escassez do desenvolvimento industrial, como se a industria *de mais*, achasse sempre procura no mercado, e a *de menos* não achasse braços humanos para a elevar ao nivel do consumo, e sem *grèves*, nem calamitosas revoluções.

Os governos que, sem imposição de graves direitos, consentem a grande importação de machinas no paiz, mettem dentro d'elle o grande monopolista do trabalho nacional, o dispensador dos braços nacionaes operarios, e dão causa a que os mesmos trabalhadores, que para outros empregos não estejam habilitados, morram á fome; porque, ainda que haja superabundancia de cereaes, e em muito baixo preço, e o paiz seja muito fertil, e muitissimo extenso, esses operarios não o poderão comprar; porque sem numerario nada se compra, e ninguem o dá de graça: e aqui está o grande phenomeno da abundancia de pão e o crescimento da fome, que rebenta na mais conflagrante revolução social, que vemos em paizes essencialmente agricolas, e de espaçosos e ferteis territorios.

Vê-se, pois, que não é a questão social que pode justificar a invasão dos territorios alheios; invasão inerme, sagaz, premeditada, e muito d'antes; e promovida de nações colligadas, e com caracter diplomatico, ou de congressos internacionaes, para dissimular o proposito de se tomar pouco e pouco o terreno alheio pelo interior das colonias, como nos está acontecendo na Africa.

Pelo lado do norte da nossa Africa, por meio de um improvisado congresso em Berlim, as nossas alliadas tentam apossar-se de uma immensa, e erradamente delimitada quantidade de territorio, a que denominam *novo Estado do Congo*, além de outra porção para uma associação, que, chamando-se internacional, figurando-se n'ella entrar tambem Portugal, tinha este alli tanto de verdade, como o contrato do Zaire, ou Congo, que, sendo dictado pelo estrangeiro, nem por vergonha se tem apresentado ás côrtes para ser discutido; porque, graças á Providencia, nenhum deputado, nem algum ministro (que eu saiba) soffreu ainda a marca do ferro inglez.

Pela parte do sul da nossa Africa, a Inglaterra com toda aquella sagacidade que lhe é propria de ganhar terreno sem grande custo, inventa uma companhia (por iniciativa de uma proposta de capitalistas estrangeiros em dezembro de 1883) para estabelecer um caminho de ferro de Lourenço Marques até ao Transwaal; concessão por 99 annos, cujos estatutos foram approvados por decreto de 10 de maio de 1884; em cuja companhia figura, como director, o ex.^{mo} sr. Serpa Pimentel, dignissimo ministro no tempo da factura o nosso Codigo Civil; Codigo que, quanto a minas, e ao nunca esquecido artigo 482, deveria, a tempo, ter sido muito reparado para não mostrar, como afinal mostrou má predisposição.

Alcançando, assim, a Inglaterra a concessão regia, não só de se intrometter n'esse importantissimo ponto da nossa Africa, cujo terreno andou primeiramente a estudar, bem como a importancia dos jazigos de ouro colonial portuguez, de riquezas em madeiras que ha em Lourenço Marques, Zambeze e Inhabane; no grande e valioso jazigo de carvão de pedra, que é ponto sueste do Transwaal, além de outra mina a 26 milhas de Lourenço Marques; como, outro sim, alcançar do governo portuguez a concessão de terrenos baldios na extensão de 250,000 geiras, que a companhia tem direito a escolher; como outro sim cerca de 10,000 geiras de terrenos pertencentes á nação pertencentes á nação portugueza, segundo a concessão feita pelo nosso governo, em partidas alternadas em ambas as margens da linha ferrea; além d'isso um kilometro quadrado de terreno no porto da Bahia de Lourenço Marques, constituindo uma propriedade altamente valiosa construida (que será) no ponto *terminus* da linha ferrea; além d'isso uma porção de terreno nacional portuguez, situada em uma das ilhas da Bahia de Lourenço Marques, concedido por n'elle se edificarem armazães; além d'isso a nossa coacção de não podermos conceder nem fazer nenhum caminho de ferro praalello ao de Lourenço Marques na distancia de 120 milhas 60 de um lado e 60 do outro, etc., etc. Esta infinita quantidade de kilometros quadrados de terreno nacional portuguez, que o sr. D. Luiz I houve por bem pelo seu governo ceder puramente aos interesses da Inglaterra; esta, como moralmente anthropophoga não só da personalidade dos nossos colonos, como d'esses potentados e ricos terrenos da nossa Africa, que ficam ao norte do Cabo da Boa Esperança, o qual já ha muito, (e sabe Deus como) possue, dirá lá para si:

«Acima do Cabo das tormentas (para Portugal), e da Boa Esperança (para a Inglaterra) já eu dei mais um passo de gigante: subi até á fronteira do Transwaal, centro da baixa Africa, muito bom ponto para a exploração, dominio e posse do sul d'ella: agora, por novos tratados, caminhe o nosso agente sr. rei dos Belgas para baixo que eu caminharei para cima, e n'um volver d'olhos a Africa portugueza ficará ingleza. A libras estrelinas me darão em Portugal meia duzia de famintos alcoviteiros, que ali farão propaganda a meu favor, prégando ás turmas. E os portuguezes que aprendam este novo modo de conquistar a mão do proprio conquistador!»—Pois engana-se a Inglaterra; por que em Portugal não ha traidores á patria: ha só mais ou menos descontentes mas todos patriotas. Será capaz de nos indicar o modo como se explora com subtileza as possessões de cada nação em especial; e nós seremos capazes de lhe ensinar, franca e evangelicamente, o modo come se deve dar a cada um o que é seu.

N'estas nossas tristes circumstancias, em que antevemos a nossa patria, o que devemos fazer?... optar pela ideia de algum mentecapto, de nos tornarmos uma colonia ingleza?... isso nunca!... por que Portugal é uma nação de heroes antigos, cuja historia não apresenta factos de se ver no paço um rei espetado no trazeiro por um ferro em braza, ou outro atravessado sobre um cavallo pelas ruas de Lisboa apupado pela multidão do povo. Portugal é uma nação caridosa, esmolar e essencialmente moral e religiosa; e tal que, se vira os seus compatriotas esfaimados gritando pelas ruas «temos fome, queremos pão:» não appareceria ali uma matrona opolenta de carruagem gritando ao boleeiro: «anda por diante: passa por cima dos cães;» por que em Portugal não ha cães, mas portuguezes capazes de se tornarem leões contra os proprios leões; nem a Inglaterra imaginará trama capaz de os metter na jaula pela diplomacia, nem pela força.

O que deveremos pois fazer?... appellarmos para a França?... para a Allemanha?... para a Belgica, as quaes no congresso de Berlim nos queriam amordaçar para não gritarmos pelos nossos direitos de possessão na Africa? Para onde nos viraremos nós que não vejamos os nossos aliados injustos, e só por inveja das nossas riquissimas colonias, saltando atropeladamente por cima de todo o direito, e praxes internacionaes, tentando compellir-nos, e despojar-nos das nossas possessões? Pois não teremos nós uma unica taboa de salvação a que nos liguemos n'esta medonha noite de naufragio, em que, apenas aqui e alli, relampeja o raio de calumnia de Stanley, de Brazza e de Brith? Não teremos nós uma unica nação convencionalmente amiga, que seja capaz de nos salvaguardar n'este ambiente suffocante, n'este estado de degradação em que nos prostraram! Ah! sim agora me occorre: e Portugal será livre.

O Brazil, filho genuino do velho Portugal, terá acaso animo de negar um laço de mutua e conveniente intimidade a qaem deve o seu lar, a quem indirectamente lhe deu o ser? Seria isso um impossivel: mas se o não é, o mesmo pae lhe mostraria que ainda não está chegada a hora de sua ultima agonia; e que, antes pelo contrario, se o suppõem proximo da sepultura, elle se erguerá no meio de sua Africa abraçado intimamente a um exemplar e respeitavel defensor e affecto por contracto de amisade celebrado em 27 de maio de 1798; e como se fôra um só corpo, um só gigante, o Brazil o olhará com respeito da outra parte do mar, e com elle tocará: os dois braços se estenderão atravez do Oceano, e por um musculoso aperto de mão, Portugal e o Brazil poderão afoitamente dizer: «conquistamos o Oceano austral.»

A coação em que estamos pela pressão do congresso de Berlim, as exigencias da Inglaterra, Allemanha, França e Belgica, tudo desapparecerá; e Portugal será salvo!

Não vacilemos em nos affincar á unica taboa de salvação, que aos Amigos da Patria offerece a imaginação cançada de um homem, que nada pretende senão a revindicação dos nossos direitos politicos em geral; porque d'elles é que nos provém a nossa segurança e independencia individual.

Não hesitemos em querermos e promovermos todos unanimemente (e isto quanto antes) um tractado de federação com a Russia, não só por todo o tempo que durar a companhia do caminho de ferro do Transwaal, com que a Inglaterra com pés de laã vae subindo pelo interior da nossa Africa, como para todo sempre.

Como temos o direito de dispor das nossas colonias, e de as possuir sem coacção de nação alguma, queremos conservar, unidos com a Russia, o direito de deffeza d'ellas, e um protectorado alli, prevenindo-nos, assim, de toda a invasão desfarçada em contractos commerciaes, diplomaticos e congressos internacionaes—redes que se nos tem lançado. —Esta barreira assim levantada nas nossas possessões africanas occidentaes e orientaes vedará a vista de estrangeiras ambições: feche-se o grande circulo: toquem-se os dois extremos Portugal e a Russia.

Portugal, a Russia e o Brazil unidos, não temerão que o congresso de Berlim continue no immoral exemplo de negar a toda e qualquer nação que lhe parecer, os indistructiveis e sagrados direitos de possessão de suas colonias.

Queremos que a nossa capital, formosa Lisboa, aspire, e mereça as honras de séde de um sério e respeitavel congresso internacional de todas as nações de segunda ordem, para desinteressadamente lhes confirmar todos os seus justos direitos coloniaes, e protectorado, se tanto fôr necessario; que a presidencia d'esse congresso seja um triumvirato Brazilico-Luzo-Russo; e que profana, imperfeita, mas symbolicamente chame bem as attenções da Inglaterra o Padre, o Filho e o Espirito na aguia.

JOÃO CARLOS DA SILVA CORDEIRO.

O CONDE DE PARIS E A «FRANÇA JUDAICA»

Eis o retrato que Eduardo Drumont faz do conde do Paris, no seu celebre livro *La France juive:*

«Pae de familia irreprehensivel, bom christão, trabalhador infatigavel, em todo o caso o conde de Paris não corresponde completamente ao ideal que um paiz romanesco como o nosso faz de um soberano, sendo pena que, com tão sérias qualidades, não tenha um pouco de ardor e de enthusiasmo.

O sonho do conde de Paris, a quem o nascimento impoz tão grandes deveres, tem sido o de passar uma existencia como a de um cultivador da livre America. Coisa curiosa: no principio do anno de 1870, o projecto da partida do conde de Paris estava definitivamente combinado, tendo fixado o mez de julho para se retirar para além do Atlantico. Dedica-se sempre uma certa affeição pelo paiz pelo qual havemos combatido, e o conde de Paris, cuja coragem excitou a admiração do exercito na guerra da separação, conservou da sua residencia na America um gosto lastimavel pelas instituições que não convêem á França. E' um principe que não tem prejuizos, diz-se. Seria, porém, mais justo dizer-se que é um principe que tem todos os prejuizos do modernismo.

Os Orleans deram sempre ao dinheiro uma importancia excessiva. Para elles *ter* é como que um complemento de *ser*. A sua convivencia com os yankees, os quaes dedicam ao deus Dinheiro um verdadeiro culto, não lhes modificou estes sentimentos. Para o conde de Paris e os seus, o facto de possuir muito constitue um merecimento, e é sob a influencia d'essas ideias que uma familia christã chegou a dar ao paiz o espectaculo afflictivo da casa real de França viver em intimidade com a casa Rothschild.

Tal é, segundo entendo, o retrato imparcial de um principe profundamente honesto, que a França, desilludida de tantas chimeras, chamará um dia com alegria ao poder para lançar um pouco de ordem n'este paiz devastado por uma horda de bandidos. Considerando d'este modo o conde de Paris, a sua conducta para com o conde de Chambord foi sem duvida correcta. Indubitavelmente não desgostou de se vêr desembaraçado da herança de 1830, e de tornar a entrar não só na tradicção monarchica, mas tambem na attitude que convém a uma familia principesca. Depois da visita que fez ao conde de Chambord em 5 de agosto de 1873, o conde de Paris foi considerado como um Delphim, ou herdeiro dos antigos reis de França.

Sciencias

OS AMIGOS DA AGRICULTURA

I

Propomo-nos encetar, n'esta serie de artigos, um rapido estudo sobre os amigos da agricultura, sobre os sêres que no reino animal prestam relevantes serviços ao cultivador, livrando-lhe os campos das alluviões de roedores, de insectos e molluscos, que são o flagello das seáras, e que devoram e aniquilam todas as sementeiras.

No nosso trabalho referir-nos-hemos, não aos individuos da fauna em geral, o que seria demasiado longo, mas apenas aos existentes em Portugal, e que, por isso, o nosso agricultor tem mais directo interesse em bem conhecer.

Seguiremos a divisão scientifica geralmente adoptada, começando pelos mammiferos, passando depois ás aves, até terminarmos nos reptis, os maiores e mais desinteressados amigos do camponez, que lhes paga os constantes e valiosos serviços, diariamente recebidos, com os tractos mais crueis e a mais negra das ingratidões.

Nas nossas aldeias apenas se conhecem os beneficos serviços de pouquissimas aves, entre as quaes occupam logar proeminente as alveolas ou lavandiscas (*Motacillas*), as andorinhas (*Hirundo*) e os tanjarros (*Saxicola*). Mas a veneração que o camponez tem por ellas, é mais o resultado d'uma superstição transmittida de paes a filhos, do que o inteiro conhecimento dos beneficios que lhes são prestados por esses indefessos trabalhadores.

Para conhecer isto, basta vêr-se as poeticas lendas com que no norte do paiz aureolisam a andorinha, a que dão um caracter sagrado, sendo um peccado matal-as, e considerando prenuncio de felicidades o ella vir construir o ninho annos seguidos na mesma casa, e de infelicidades se ella, depois de ter edificado o ninho um ou dous annos, o abandona subitamente.

Estas crendices são um tenue e remoto vestigio da adoração do Ibis egypcio, transformado na Hollanda no culto da cegonha, na França no do peto, e, entre nós, no da andorinha.

Pelo que diz respeito aos mammiferos, nada se sabe nas aldeias do bem que elles prestam á humanidade em geral, e destroem-os indistinctamente, quer sejam cheiropteros ou carnivoros, roedores ou insectivoros.

Fazem guerra de morte aos morcegos (*Cheiropteros*), aos quaes se prende uma tola superticão cheia de horrores, e que deviam ser cuidadosamente protegidos, visto que nocturnamente devoram milhões de *insectos que seriam o nosso tormento*, como os trombeteiros, e o flagello da agricultura, como muitos coleopteros e orthopteros, e não poupam nem o ouriço cacheiro (*Erinaceus*), nem as toupeiras (*Talpa*), nem os pequeninos musaranhos (*Sorex*), que só vivem para devorar os inimigos dos vegetaes.

Entre as aves, desde as corujas e mochos (*Strix*), d'uma utilidade incontestavel, até aos petos (*Picus*), os protectores dos bosques, e aos microscopicos *Parus*, poucos poupam, mal sabendo que, por cada uma das aves insectivoras que aniquilam, são milhares de pequenos sêres a mais, que téem ferozmente encarniçados na destruição das sementeiras.

Mas o que é imperdoavel, é o estulto odio com que o lavrador procura o aniquilamento de todos os reptis, que, entre nós, a não ser a vibora, não podem fazer mal algum ao homem, e que, sustentando-se de pequenos roedores, de insectos, de molluscos e de vermes, deviam ser protegidos em vez de cruelmente mortos sem remissão nem aggravo.

Entre as serpentes que habitam Portugal, não ha nenhuma que se desenvolva de tal modo, que possa inspirar o profundo mêdo que as giboias e congeneres d'America e Africa causam aos indigenas d'aquellas regiões. A unica que entre nós attinge uma corpulencia mais que regular—a vulgarissima *Tropidonotus natrix*—é d'uma timidez pasmosa, vendo-se individuos de fórmas muito desenvolvidas fugir ao menor ruido, á queda d'uma folha ou ao som de passos, nunca atacando, mesmo quando se vêem em perigo.

Apezar de tudo isto, ainda se concebe o receio pelas serpentes, e mais ainda pela vibora, cuja mordedura, se não é geralmente mortal, é prejudicial e causa vivissimas dôres; mas não se póde admittir o odio inveterado que o camponez tem ás lacertas, e principalmente ao sapo.

A este ultimo, matam-o todas as vezes que apparece, sob pretexto de que é venenoso, elle, cujo unico crime consiste em ser o insaciavel devorador de todos os pequenos inimigos das plantas, o vigilante guarda nocturno de toda a vegetação rasteira, e que, por isso mesmo, está mais sujeito que nenhum outro ao ataque dos insectos e dos molluscos herviboros.

EDUARDO SEQUEIRA.

Arabescos e Miniaturas

O MORANGO DO DEMONIO

Ao sair do pateo da cavallariça, obrigando a agua a fazer pieferes, elle voltou-se.

Luiza estava á janella, acariciada pelo sol que fazia resplandecer com reflexos de oiro os seus cabellos desalinhados. E os olhos claros, onde se reflectia o formoso sorriso dos seus labios, mal se podiam abrir, ainda pezados do somno.

Elle atirou-lhe com a ponta dos dedos um beijo; outros beijos lhe responderam trazidos nas azas da viração da manhã.

— Armando, não te demores muito tempo. Olha que vou apanhar no bosquesinho os morangos que já lá vi.

Elle acenou lhe com a cabeça; metteu a egua a galope e em poucos minutos estava longe do castello.

A manhã estava deliciosa. Chovera de noite, e do seio da terra, que se abria em maravilhas, evaporavam-se aromas preciosos. Gotas de orvalho tremiam suspensas das folhas mimosas das arvores. Mil gritos e espanejar d'azas sahiam debaixo dos alpendres.

Cães grandes ladravam; e, correndo, bois, ao longo das pastagens vinham poisar espantados os pezados focinhos nas sebes.

Armando sentia aprazivel a vida e a primavera uma estação divina, e rejubilava-se com a doce lembrança de possuir uma adoravel esposa que n'aquelle momento, livre de toda a idéa do mal, andava cuidadosa apanhando morangos.

*

De repente, metteu a egoa a passo. Dirigia-se para elle uma mulher, vestindo elegantemente uma vestido guarnecido de rendas e trazendo chapeu de palha enfeitado com flores do campo. Andava com indolencia, fazendo girar na sua mão vestida com luvas de pelle da Suecia um guarda-sol do Japão onde resplandeciam deslumbrantes aves de oiro.

Vendo o joven cavalleiro, parou com um sorriso fascinador:

— Bom dia, Armando! disse, pondo-so em bicos de pés para lhe estender a mão.

— Berta! exclamou surprehendido e carregando a sobrancelha.

— Sim, Berta. Parece que isso lhe causa admiração e com tudo devia esperar que mais cedo ou mais tarde nos veriamos. O seu casamento, Armando, fez-me soffrer horrivelmente. Mas com a chegada da primavera, lembrei-me que possuia uma casinha, não muito distante d'uma das suas propriedades e vim, deixando ao acaso o cuidado de preparar o nosso encontro. Diga-me, parece-lhe que sou muito culpada?

E empregando todos os gestos affectadamente carinhosos, aproximava-se fazendo festa ao animal-o erguendo para o cavalleiro os olhos d'uma ternura que estonteava.

— Minha querida Berta, póde finalmente dizer Armando, desviando a vista d'aquelles olhos avelludados cujo imperio conhecia; estou casado e amo minha mulher. O passado está extincto e sinto que m'o viesse recordar. Bem sabe que entre nós tudo está acabado; dê-me um aperto de mão e deixe-me seguir o meu caminho.

Ella reprimiu um movimento de colera e respondeu com muita meiguice.

— Sei que ama sua mulher, Armando; e Deus me livre de tentar perturbar a sua felicidade. Ninguem me conhece e todos ignorarão este encontro. Faça-me esta justiça: por ventura o tenho perseguido eu? recebeu alguma carta minha? dei-lhe algum signal da minha existencia? e não obstante amo-o e sou muito descançada. Ha quinze dias que, andando a espional-o; espero este instante abençoado! Ah! meu Armando, não partas já, não sejas tão cruel, recorda-te dos dias de outr'ora!

Elle não respondia, sentindo-se dominado pouco a pouco por uma perturbação superior á sua vontade. Apeara-se e caminhava vagorosamente ao lado d'ella, levando as redeas da egua enroladas no braço.

— Dá-me uma hora, uma unica hora e—as lagrimas tremeluziam-lhe redondas como perolas nas longas pestanas—vem commigo como no tempo em que me amavas. Só meu uma vez só e dá-me com esta lembrança forças para viver.

— Não, não, murmurou elle fracamente, é impossivel.

Mas lançou-se-lhe ao pescoço, estreitando-o nos braços, e antes que podesse desprender-se d'ella, Berta collou os seus labios nos do mancebo.

Então elle não pode resistir mais e seguiu-a, vencido por aquelle encanto atordoador, que em outros tempos o inebriava, dominado pelo perfume, que exhalavam os fartos cabellos d'ella, e pelas caricias cuja irritante voluptuosidade tão bem conhecia.

Prendera o animal n'um macisso de arvores e entrou na casa de campo emmoldurada em rosas e glycinias. No *boudoir* forrado de seda, matisada de grandes flores vermelhas, deixou-se cahir n'um divan emquanto ella, saltando-lhe aos joelhos, o cobria de beijos ardentes, segredando-lhe palavras embriagadoras que e enlouqueciam.

— Oh! o meu amado que vae almoçar coma sua Berta.

E como elle ainda queria dizer que não:

— Mas olha que tenho morangos, excellentes morangos que me não tardam a chegar de Paris. Has-de comel-os como d'antes, nos meus labios. Ah! como será doce e bom.

Armando não respondia. Agora retribuia á bella rapariga aquellas caricias de fogo e, com uma grande pallidez, abraçava-a n'um estreito abraço, unindo-a muito contra o peito.

— Ficarei occulta aqui; tu, quando poderes, virás. Ninguem nunca o saberá... eu esperar-te-hei sempre...

— Oh! sim amar-nos-hemos, como em outros tempos. Has de tornar a dar-me as delicias...

Mas aqui interrompeu-se. No jardim ouvia-se uma voz:

— Eh! olá, Berta, onde estás tu? Ora aqui está uma cabana onde não apparece ninguem para receber a gente. Eu mesmo te venho trazer os morangos.

Ella saltara ao chão, e com um gosto de furor soltou uma praga energica.

— Ah! grandissimo bruto, has de m'as pagar... e voltando-se para Armando:

— Entra para aqui um instante; peço-te que me dês tempo de despedir este imbecil. Não tenhas receio, entra, serei toda tua.

— E' o teu amante, não é verdade?

— E', respondeu encolhendo os hombros muito indifferente. Importo-me tanto d'elle como d'outro qualquer. Mas como tu me voltas agora, elle que vá para o meio da rua.

Empurrou Armando para um gabinete de *toilette* e correu ao encontro da visita que já vinha entrando em casa. Houve um ruido de beijos; depois subiram ao andar superior. Berta introduziu o sujeito no seu quarto.

*

Armando poz-se a olhar em volta. Era uma sala simples, tambem forrada. Uma mesinha de marmore coberta de sabonetes, pós e frascos de perfumes, uma larga *chaise-longue* muito baixa e uma meza para onde estavam lançados anneis e braceletes. Um pesado *porte-bonheur* tinha uma inscripção—30 de março—e por baixo as iniciaes B e F entrelaçadas.

— O dia seguinte ao do meu casamento reflectia o mancebo em um sorriso contrafeito. Era sem duvida para se consolar.

Na moldura de pellucia do espelho, viam-se retratos d'uns sujeitos de porte distincto com a risca bem aberta e os *plastrons* arqueados. Em todos havia dedicatorias: *A' minha adorada Berta! A' pomba que alegra a minha mocidade! A'quella que só por mim tem sentido amor!*

Tambem havia retratos de Berta risonha, decotada, com saia curta, em *travesti*, emfim em toda a ospecie de posições provocadoras.

E emquanto contemplava a sua antiga amante, com vestidos tão ligeiros e o cigarro ao canto da bocca, d'elle, como destacando-se do fundo do espelho surgia uma imagem pura. Dirigia-se para Armando com a pequena cabeça esculptural, lindos cabellos loiros naturalmente annellados, uma bocca seria e candida.

Nunca aquelles labios foram tocados por outro homem, mortal antes d'elle se podia gabar de ter feito palpitar aquella carne da côr do marmore-rosa. Os seus olhos exprimiam sinceridade nunca se fixaram demorados senão nos d'aquelle marido tão amado. Só elle commovera a alma da virgem.

— Luiza! murmurou baixinho como se fôra commetter um sacrilegio, profanar aquelle nome tão caro proferindo-o em tal logar.

Correu para a porta. Estava fechada. Berta saindo dera volta á chave. A altura da janella, porém, não era grande. Deixou-se cair no caminho e d'um salto estava no bosque. Desamarrou a egua que relinchava impaciente e montando metteu a galoppe sem descanço até chegar ao castello.

*

— Onde está a senhora? depressa!

— A senhora anda no bosque.

Apeiou-se e seguiu n'aquella direcção. Ao voltar uma rua, parou. Luiza estava alli, tendo o seu penteador de percale que deixava adivinhar as suas formas adoraveis. Os cabellos caiam-lhe pelos hombros em fios de oiro. Aos pés tinha já um açafate cheio de morangos.

Ao ver Armando, soltou um grito de alegria e correu para elle:—Olha, toma! —E, prendendo nos seus labios de rosa o mais bello morango, estendeu-lhe a boca, onde alvejavam os dentes pequenos como uma lamina de nacar cravada n'um fructo.

Elle tomou o morango e beijou os labios, e apertando apaixonadamente a esposa contra o coração:

— Ah! Luiza, quanto te amo esta manhã!

— O que? esta manhã apenas, disse ella com um graciosissimo amúo; oh! que feio pensamento!

— Ai, Luiza! continuou Armando com os olhos humedecidos, se tu soubesses como é bom o morango do Paraizo!

Ella abria os grandes olhos, muito admirada, e sem perceber, mas elle concluiu:

— Não queiras comprehender, minha filhinha, e deixa-me esquecer que estive quasi a provar o morango do Demonio!...

JEANNE THILDA.

Bibliographia

— «*A Vinha Portugueza*, revista mensal dedica ao progresso e defeza da viticultura nacional, publicado e dirigido por F. d'Almeida e Brito, Alfredo Le Cocque e Jorge de Mello, com a collaboração dos mais distinctos viticultores e agronomos portuguezes e estrangeiros. Recebemos a caderneta n.° 5, correspondente a maio, que agradecemos.»

Parte Official

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 4

Listas para arrematações de bens e fóros nacionaes em differentes districtos.

Relações dos portuguezes fallecidos n

area do consulado do Maranhão, referida ao periodo de janeiro a março de 1886.

Diario de 5

Decreto regulando os serviços de administração e fiscalisação do real d'agua.

Listas para arrematações de bens e fóros nacionaes em differentes districtos.

Diario de 7

Concessão de differentes mercês honorificas.

Decreto alterando varias disposições do regulamento para os artefactos de ouro e prata, conforme a representação dos ourives da cidade do Porto.

Despachos de varios empregados para as alfandegas.

Decreto e regulamento especial para o serviço da fiscalisação externa da alfandega de Lisboa.

Nota do estado da divida fluctuante em 31 de maio de 1886, 12.444:098$470 réis.

Diario de 8

Decreto declarando sem effeito desde o dia 1.º de agosto de 1886 a nomeação de empregados do Estado para commissões de serviço, cujo desempenho seja incompativel com as funcções respectivas dos mesmos empregados.

Portaria mandando interpôr recurso para o tribunal administrativo contra a deliberação tomada pela camara municipal da cidade de Lisboa, encarregando o presidente da sua commissão executiva de promover perante o governo uma nova organisação para a guarda municipal da mesma cidade.

Boletim de sanidade maritima declarando limpos da febre amarella, desde o dia 27 de abril ultimo, os portos da provincia de Pernambuco.

Decreto amnistiando os estudantes de medicina, mathmatica e philosophia da Universidade de Coimbra, e mandando abonar-lhes as faltas desde 26 a 31 de maio ultimo.

Varios despachos ecclesiasticos e judiciaes já conhecidos.

Listas para arrematações de bens e fóros nacionaes em differentes districtos.

Representação da Associação de Agricultura pedindo a elevação dos direitos de entrada no trigo, farinha e milho estrangeiros.

Carta de Lisboa

Lisboa, 8 de junho de 1886.

Terminou já a arruaça, e terminou porque o governo foi energico como devia sel-o. Depois da minha ultima carta não houve nem mais um conflicto entre municipaes e artilheiros. Os arruaceiros esses tiveram conveniente destino; estão em numero muito superior a duzentos presos a bordo do transporte *Africa*, d'onde a maior parte seguirá talvez para o Ultramar, a fim de sentarem praça nos corpos d'alli, pois na sua maioria são tudo vadios.

— O sr. Magalhães Lima publicou uma carta nas *Novidades*, declarando ser completamente estranho ás arruaças, que condemna por subversivas, imprudentes e anarchicas.

— Foi nomeada uma commissão de engenheiros, composta dos srs. João Joaquim de Mattos, Thomaz Branco, Costa, Espergueira, Pires Gomes, Simão Castro e Xavier Cordeiro, para proceder a exame de provas na ponte Luiz I.

— Foi exonerado o tenente Costa, de instructor da escola de marinheiros do Porto, sendo nomeado o tenente Fonseca Sarmento.

— Foi mandado louvar o capitão-tenente Silva Costa, commandante e mais officiaes do transporte *Africa*, pelo modo como se houveram na sua ultima viagem.

— Foi exonerado, por passar para a magistratura do reino, o sr. Francisco Antonio Pinto, procurador da corôa da Relação de Loanda, sendo nomeado para o mesmo logar o sr. Carvalho Barreto, delegado em Bicholim.

— O sr. Patricio Ferreira, tenente da armada, foi admittido no corpo de engenheiros hydrographos.

— Acabam de ser promovidos a juizes: de S. Thomé, o sr. Gonçalves da Freitas, delegado em Barlavento; para Lourenço Marques, o sr. Monteverde de Cunha Lobo, delegado em Bardez.

— Foram exonerados o governador de Quelimane, major Pimenta Miranda, e o secretario do governo da India, capitão de fragata, Teixeira Guimarães.

— *Foram nomeados ajudantes do* governador de Macau os alferes do regimento do Ultramar, o sr. Nogueira Soares e o governador de Cabo Verde, o sr. Rodrigues de Castro tenente do exercito d'Africa Occidental.

— Foi nomeado director do correio de Angola, o medico Ignacio Caetano Xavier.

— Foi nomeada uma commissão composta do vice-almirante Andrade Pinto, bacharel Carlos Vellez Caldeira e capitão tenente Santo Diniz, para redigir o projecto do codigo de justiça militar, destinado á armada.

— O sr. Silva Lima foi promovido a 3.º inspector da saude naval.

— Foi transferido para a Guiné o sr. Joaquim Albino Fernandes, pharmaceutico em S. Thomé.

— Foi arbitrada em seis mezes a situação de inactividade do governador de Macau, capitão do regimento d'Ultramar, Wallis Carvalho.

— Foi reformado o sr. Almeida Coelho, major em Moçambique.

— O sr. Esteves Costa, aspirante da alfandega do consumo, foi promovido a 3.º official da alfandega do Porto.

— Foram transferidos mutuamente os aspirantes das alfandegas: de Serpa e Valença, srs. Magalhães Marques e Gonçalves Pereira; de Villar Formoso e Serpa, os srs. Sarmento e Azevedo.

— Acaba de ser concedida a pensão de 480 réis a Anna de Jesus, viuva do ajudante fiscal da companhia braçal do Porto, sr. Alves dos Santos.

— Foi aposentado o sr. Vieira Carvalho, thesoureiro da alfandega de Elvas.

— Foram nomeados: ensaiador-director da repartição de contrastaria de Lisboa, o sr. José Ennes de Mattos, e ensaiador adjunto o sr. Francisco Germano Claro; ensaiador-director do Porto, o sr. Nuno Freire Dias Salgueiro, e adjunto o sr. Antonio Vieira Neves.

— Foi collocado no quadro sem exercicio, o sr. Torres Carneiro, juiz de direito de Vizeu, e nomeado para esta comarca o sr. Cunha Coutinho, que estava no quadro sem exercicio.

— Foram transferidos os escrivães de direito, srs. Sá Mello, de Castello Branco para Fornos de Algodres; Santos Leite, de Celorico da Beira para Castello Branco; Saraiva de Pina, de Fornos para Celorico da Beira; Rosa Botelho, de Melgaço para Ponte do Lima.

— Foram nomeados escrivães de direito. de Melgaço, o sr. Antonio Severo de Freitas; de Beja, o sr. João Maria Pinto de Magalhães; da Ilha das Flores, o sr. João Miranda de Carvalho; da Ribeira Grande, o sr. José Augusto de Almeida Brito; contador e distribuidor de S. Vicente, o sr, José Malheiro Pereira da Cunha; tabellião de notas de Louriçal, o sr. Marcellino Cordeiro Pimentel; escrivão ordinario de Verride, o sr. Antonio Simões Correia.

— Foi demittido o tabellião do Louriçal, Fernandes Correia.

— Foram exonerados o 1.º substituto do juiz ordinario de Pernambuco, Mendes Mourão; o 2.º substituto da Chamusca, Netto Ferreira; o escrivão de paz do Prado em Villa Verde, Correia Forte.

— Foi declarado sem effeito o decreto que nomeou o sr. Francisco de Oliveira Costa para o officio de escrivão ordinario de Fraguas, e nomeado thesoureiro da Penitenciaria o sr. Francisco da Silva Alegria.

— Foi concedido o augmento de 25 p. c. do ordenado ao amanuense da secretaria da Relação do Porto, a contar de 13 de abril de 1884, o sr. Joaquim Bellarmino da Costa Neves.

— Os srs. João Antonio Belem Correia, Antonio Augusto da Silva Santos, José de Barros Lima do Rego Barreto, Joaquim Antonio dos Santos Pinto, José Pedroso Ennes da Silva, Henrique Teixeira Homem de Brederode, Antonio Francisco Guilherme de Oliveira, Luiz Pedro Nolasco Monteiro e José Pinto da Fonseca Neves, empregados temporarios da caixa geral de depositos, foram nomeados amanuenses da caixa geral de depositos e economica portugueza.

— O sr. Manuel Maria Ferreira, escripturario de Portalegre, foi nomeado aspirante de 2.ª classe da repartição de fazenda d'aquelle districto.

— O sr. José Candido, de Mira, foi nomeado escripturario de Beja.

— O sr. Joaquim Lopes Franco foi exonerado pelo requerer de escripturario de Monsão, e transferido para este concelho, o de Loulé, o sr. Jacintho Alexandre Correia Neves, e para Loulé o de Monchique, o sr. João Vaz de Mascarenhas.

— O sr. Carlos Marques Pereira, escripturario da Certã, foi exonerado.

— O sr. Aureliano da Motta e Abreu, foi nomeado escripturario para Porto de Moz.

— Foi nomeado interinamente secretario geral de Bragança, o sr. Henrique Ferreira Lima.

— O *Diario do Governo* publica as seguintes mercês honorificas: de conde de Daupias, ao sr. visconde do mesmo titulo; de conde de Burnay, ao sr. Henrique Burnay; de conde de Ribeiro da Silva, ao sr. visconde do mesmo titulo; de conde de Tarouca, ao sr. Sebastião de Souza Menezes.

— Foi encarregado o director das obras publicas da Guarda dos estudos da linha ferrea de Extremoz a Villa Velha de Rodam, e nomeado director das obras publicas da Guarda o sr. Alexandre da Conceição.

— Foi levantada a prevenção dos corpos da guarnição d'esta capital.

Y.

Telegraphia

Roma, 4.—Houve hontem em Veneza mais 32 casos e 21 obitos de cholera.

Em Florença não se deu hontem nenhum caso de cholera, mas houve 2 obitos.

Paris, 4.—A commissão encarregada de estudar a questão da expulsão dos *principes approvou por 6 votos contra 5*, o projecto que estatue a expulsão geral e obrigatoria; rejeitou por 13 votos contra 1, a emenda do sr. Cunéo Ornano, deputado bonapartista, para consultar o suffragio universal sobre a expulsão; decidiu por 9 votos contra 2, adiar a proposta do deputado sr. Basly, que pede a confiscação dos bens dos principes; e finalmente adiou para ámanhã o ouvir o presidente do conselho, sr. Freycinet, e nomear o relator do projecto.

Affirma-se que o sr. Freycinet mantem o seu projecto, rejeita o da commissão e que submetterá a questão ao conselho de ministros, que deve reunir-se ámanhã. E' provavel que o conselho rejeite igualmente o projecto da commissão.

Rio de Janeiro, 3.—Partiu hontem d'este porto directamente para a Europa o paquete inglez *Patagonia*, da Companhia Navegação do Pacifico.

Paris, 5.—O conselho de ministros rejeitou o projecto da commissão estatuindo a expulsão geral e total, e mantem o projecto que expulsa os pretendentes directos e auctorisa o governo a expulsar os demais principes.

Paris, 5.—Hoje na sessão do senado, o marquez de l'Angle Beaumanoir, da direita, fez uma interpellação ácerca da gendarmeria, arguindo o ministro da guerra de fazer dos gendarmes agentes eleitoraes. O general Boulanger justificou o seu procedimento, affirmando que sempre tem recommendado á gendarmeria que se conserve fóra da politica, e ao exercito que respeite o Republica. Em seguida, foi approvada a ordem do dia pura e simples.

A commissão da expulsão dos principes ouviu hoje as explicações do sr. do Freycinet, e depois de tres escrutinios, elegeu para relator o sr. Henry Maret (que é contrario a toda e qualquer expulsão) por 5 votos, com a primazia da edade, contra outros 5 dados ao sr. Camillo Pelletan, e 1 em branco. O relatorio, que será lido provavelmente na segunda-feira, limitar-se-á a expôr as opiniões de cada um dos membros da commissão e os incidentes das sessões.

Roma, 5.—Hontem, houve mais 22 casos e 14 obitos de colera em Veneza, e 1 obito em Florença.

New-York, 5.—A febre amarella está fazendo grandes estragos em Venezuela, particularmente na população europea de Caraças.

S. Julião, 6.—Saiu a barra a corveta americana *Quinnebaug*.

Paris, 7.—O principe Napoleão, em uma carta que dirigiu ao sr. Dupuis, declara que não é pretendente, e protesta contra o exilio dos principes. Diz que os perigos para a Republica provêm dos vicios da actual constituição, que é monarchica, e da má politica dos governantes; e que entende que o exilio dos principes trará apoz si a proscripção para os cidadãos e a guerra civil.

Rio de Janeiro, 5.—Partiu hoje d'este porto, com destino á Europa, o paquete *Amazone*.

Londres, 7.—Camara dos communs: O sr. Goschen combate o bill irlandez. O sr. Parnell defende-o, e diz que a Irlanda acceita a equitativa medida. E francamente declara que ha duas alternativas, ou a lei repressiva proposta pelo marquez de Salisbury ou o bill actual, que importa um tratado de paz e uma solução duradoura. O sr. Hicks Beach tambem combate o bill; depois falla o presidente do conselho, sr. Gladstone, que o defende calorosamente.

Paris, 7.—A commissão encarregada de estudar a questão da expulsão dos principes, rejeitou hoje o relatorio do sr. Henry Moret, poz de parte os projectos precedentes, e adoptou por 6 votos contra 5, o antigo projecto do sr. Floquet, para a expulsão total por via legislativa. O sr. Camillo Pelletan foi eleito relator, e lerá ámanhã o seu relatorio á commissão.

Está levantado o bloqueio da Grecia.

Londres, 8.—A camara dos communs rejeitou em seguida a leitura o bill do home-rule irlandez por 341 votos contra 311. Depois d'esta votação, a camara, por proposta do sr. Gladstone, suspendeu as suas sessões até quinta-feira.

Como o numero pe votos que rejeitaram o bill foi além do que se previa, corre o boato da demissão do gabinete.

Roma, 7.—Houve hontem em Veneza mais 21 casos e 13 obitos do cholera.

ESPECTACULOS

THEATRO AVEIRENSE

QUINTA-FEIRA, 17 DE JUNHO DE 1886

Recita em beneficio do monumento a **José Estevam**, obsequiosamente offerecida pelos dignos officiaes inferiores do regimento de cavallaria n.º 10.

29 DE LINHA

OU

HONRA E GLORIA

Drama em 3 actos e 4 quadros.

SCENA COMICA

ATTRIBULAÇÕES D'UM CORREIO

O espectaculo princia ás 8 1/2 horas.

A charanga de cavallaria 10 tocará no atrio uma hora antes do espectaculo e nos intervallos dos actos.

A sala é ornamentada bem como o recinto da entrada e illuminado este á veneziana.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

LIVRARIA DE MELLO GUIMARÃES

AVEIRO

ALVES MENDES

PATRIA!—Discurso na inauguração do monumento aos Restauradores de Portugal..... 300

CARTA A' PRINCEZA D. AMELIA

POR

UM ARCHEIRO DA GUARDA REAL

A' venda em Lisboa na Livraria Industrial, Rua Augusta 231. Preço 50 reis.

Remette-se para a provincia franco de porte a quem enviar a importancia em estampilhas.

EMPREZA LITTERARIA FLUMINENSE

CASA EDITORA

DE

A. A. DA SILVA LOBO

Séde—Rio de Janeiro, R. Sete de Setembro, 81

SUCCURSAES DA EMPREZA

LISBOA, Rua dos Retrozeiros, 125

S. Paulo (Brazil) Rua Direita, 18

Pará R. dos Mercadores, 22

AGENCIAS NAS PRINCIPAES CIDADES DE PORTUGAL E BRAZIL

MEMORIAS D'UM MEDICO

POR

ALEXANDRE DUMAS

VERSÃO

EDIÇÃO ILLUSTRADA COM CERCA DE 200 GRAVURAS

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao proprietario da Empreza Litteraria Fluminense —A. A. da Silva Lobo —Rua dos Retrozeiros, 125.—LISBOA.

ANNUNCIOS

ELEIÇÃO DA DIRECÇÃO DA IRMANDADE DO SANTISSIMO SACRAMENTO

DA

FREGUEZIA DA VERA-CRUZ

155 POR ordem do ex.mo sr. Presidente, ficou adiada para o dia 13 do corrente, a eleição da Direcção do Santissimo Sacramento, em consequencia de não ter comparecido numero legal d'irmãos no dia 6, pelas 10 horas da manhã, que teem de funccionar no anno economico de 1886 a 1887.

O Secretario da Direcção

Alipio Anthero de Carvalho.

Quasi de graça

154 POR liquidação se vende com 75 p. c. abaixo do preço da fabrica uma enorme quantidade de relogios e de prata Alfinide, proveniente do quebramento das fabricas reunidas de relogios e prata Alfinide.

Por 3$500 reis um bom relogio portatil. Por este preço baratissimo podem receber um finissimo relogio para senhoras ou senhores, «d'or Soublé» ou de «Plaquet» repassado, o que não se póde distinguir dos relogios de verdadeiro ouro ou prata. No commercio é o preço d'elles o decuplo. Garantido por 4 annos.

Por 4$000 reis um relogio de «Argentina» ancre, com um optimo machenismo de precisão. Garantido por 5 annos.

Por 4$300 reis mandamos um magnifico relogio portatil «Repertoir de Plaquet» ou de verdadeiro «or double» arregalado com machenismo artificial. *Ultima novidade de Vienna*, chamado «Imperial-Nouveauté». Garantido por 4 annos.

Por 3$800 reis se recebe um excellente, bem arregalado e luminoso relogio de salão posto em quadro de madeira bem dourada e com estupendo quadrante empenhado da i r priv. materia luminosa a qual o faz de noite luminoso como a lua, assim que se podem ler as horas sem acender a luz.

Por 1$000 reis se recebe uma elegante cadeia de relogio de «Plaquet» que se póde transformar n'um instante em porta pena com tinteiro de carradura hermetica. Comodadissimo para todos.

Por 6$000 se recebe um optimo relogio *remontoir* de prata verdadeira o qual representa um valor de *40$000*. Esse relogio patenteado foi distinguido com 3 medalhas d'ouro nas exposições universaes. Garantido por 5 annos.

Por 3$850 reis apenas representante sómente a metade da mão de obra, do que antes se vendia por 60 francos, enviaremos o seguinte serviço de mesa de prata Alfinide, muito fino e duradouro: 6 formosas facas de meza, 6 garfos, 6 colheres de sopa, 6 bonitas colheres de chá, 1 grande colher de terrina, 1 grande colher de legumes, 3 formosas oveiras, 2 chicaras para sobremeza, 1 formoso pimenteiro e saleiro, 1 formoso coador para chá, 3 magnificos assucareiros, 6 formosos apoios para facas —Total 42 peças. Brancura garantida por 10 annos.

Enviaremos a mercadoria sempre franco de porte, se recebermos adiantadamente o importe por meio de mandado postal, valle de correio, introduzido entre Austria e Portugal desde d T.mo de Abril 1886. (Acceitaremos tambem franqueios de correio portuguezes.) Devolve-se o dinheiro, caso a mercadoria não convenha. Dirigirem-se confiducia ao deposito geral de fabricas reunidas de relogios de prata Alfinide.

M. RUNDBAKIN

11 HED WIGGASSE 4

VIENNA AUSTRIA

VACCA TOURINA

150 QUEM tiver uma vacca tourina nova, de boa raça, mas já a criar e muito leiteira, querendo-a vender, queira dizer onde póde ser vista e contractada, se servir.

21 **ASPHALTO**

MANUEL FERREIRA DA SILVA

Rua Nova de S. Domingos 97

PORTO

TEM grande deposito d'este genero, já preparado ou por preparar e tambem o manda applicar nas obras, nas provincias, por ter os melhores applicadores d'este genero. Trata-se no Porto, ou em Aveiro com o sr. José Monteiro Telles dos Santos

LARGO DA CADEIA

DOENÇAS DO **ESTOMAGO**

PASTILHAS e PÓS

PATERSON

(Bismuth e Magnesia)

Recommendadas contra as Doenças do Estomago, Acidez, Arrotos, Vomitos, Colicas, Falta de Apetite e Digestões difficeis; regularizam as Funcções do Estomago e dos Intestinos.

PASTILHAS: 600 Reis. — PÓS: 1,200 Reis.

Exigir em o rotulo o sello official do Governo francez e a firma J. FAYARD.

Adh DETHAN, Pharmaceutico em PARIS

COMPANHIA FABRIL SINGER

75—RUA DE JOSÉ ESTEVAM—79

PEGADO A' CAIXA ECONOMICA

AVEIRO

VINDE VER AS

Excellentes e ainda não igualadas machinas de coser de LANÇADEIRA OSCILLANTE, que esta Companhia tem á venda.

As suas grandes vantagens são:

BRAÇO MUITO ELEVADO

Lançadeira que leva um carrinho d'olgodão.

Não precisa encher canhila nem enfiar a lançadeira.

A agulha é sempre ajustavel.

Dá dois mil pontos n'um minuto!

Levissimas no trabalho e silenciosas sem ignal.

Pesponto o mais perfeito e mais elastico, tanto em cambraia como nos tecidos mais grossos.

Não quebra as agulhas, nem corta a fazenda, todo o seu machinismo é ajustavel e com ouso e os annos está a machina sempre perfeita.

GARANTIDA POR 12 ANNOS

SINGER

Ao alcance de todas as fortunas. Vende-se a prestações de 500 REIS SEMANAES sem prestação d'entrada, e a dinheiro com grande desconto.

SINGER

A que tem obtido em todas as exposições os primeiros premios e ainda na ultima exposição de Amsterdam obteve o GRANDE DIPLOMA D'HONRA, premio superior é medalha d'ouro.

SINGER

Para familias, asfaiates, modistas, chapelleiros, sapateiros e correeiros.

SINGER

Para trabalhar á mão ou ao pé, e tão leve que uma creança a move sem se cançar.

SINGER

A que fabrica e vende directamente ao publico, evitando assim que o mesmo seja enganado com as imitações, e tornando-se d'esta forma a sua garantia solida e positiva.

SINCER

Vendeu só no anno de 1884 a enorme quantidade de 620:382 machinas! devido isto á sua grande aceitação, supplantando assim todos os outros systemas modernos, que jámais poderão competir com a machina SINGER

SINGER

Não tem rival debaixo de nenhem conceito attestando a verdade d'estas palavras mais de SEIS MILHÕES de machinas sahidas das suas fabricas!

Ensino esmerado gratis em casa do comprador, e concertos gratis por todo o tempo.

Peçam-se catalogos illustrados contendo o preço das machinas.

Avisa-se o publico de que tenha todo o cuidado com as imitações.

Vende-se agulhas, algodões torçaes e oleo a preços baratissimos.

Deposito em todas as capitaes dos districtos de Portugal. 56

EUCALIPTOS

149 COMPRAM-SE alguns paus de eucaliptus seccos, que tenham mais de 45 palmos de comprido e que sejam direitos e sem nós. Quem os tiver n'estas condições póde dirigir-se á Administração d'este jornal, que alli se lhe dirá quem os compra.

AFINADOR

145 OFFERECE-SE um afinador de pianos, com pratica d'este trabalho, e por preço convidativo.

Quem precisar dos seus serviços dirija-se a Joaquim Antonio Placido.

LARGO DO ROCIO—AVEIRO

As pessôas que conhecem as **PILULAS** DO DOUTOR **DEHAUT** DE PARIS não hesitam em purgar-se quando precisão. Não receiam fastio nem fadiga, porque ao contrario dos outros purgativos, este só obra bem quando é tomado com bons alimentos e bebidas fortificantes, como Vinho, Café, Chá. Quem se purga com estas pilulas póde escolher para tomal-as, a hora e refeição que mais che convier conforme suas occupações. A fadiga do purgativo sendo annullada pelo effeito da bra alimentação, si se decide facilmente a recomeçar tantas vezes quanto for necessario. 5 fr. e 2 fr. 50

CONTRA A TOSSE

Xarope Peitoral James, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia-Franco, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada emconformidade da lei de 4 de junho de 1883. 12

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, auctorisado pelo governo e approvado pela junta consultiva de saude publica

E o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o apetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito, nos estomagos ainda os mais debeis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doenças, aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia. no acto da comida, ou em caldo, qoando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debeis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas a tres colheres tambem de cada vez.

Um calix d'este vinho representa um bom bife.

Esta dóse com quaesquer bolachinhas é um excellente *lunch* para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para acceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se igual porção ao *toast*, para facilitar completamente a digestão

Para evitar a contrafacção, os envolucro, das garrafas devem conter o retrato do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da le de 4 de junho de 1883.

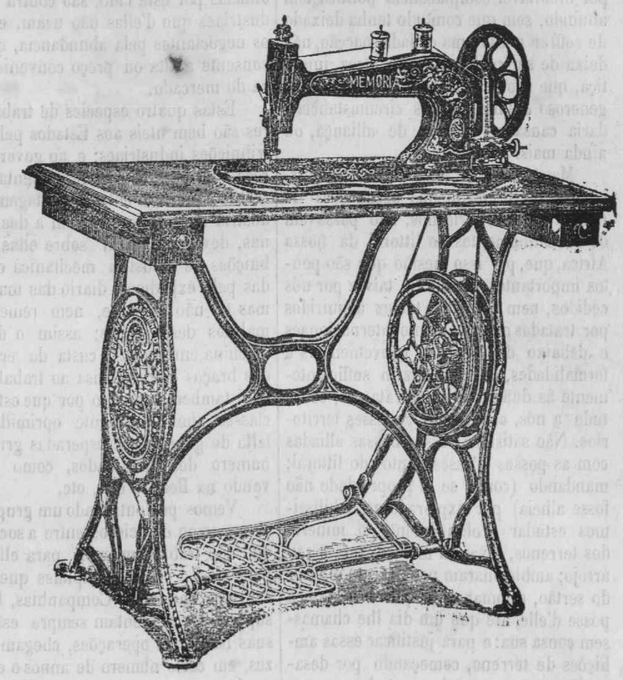
Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco, em Belem.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior. 9

NOVO DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

CARLOS DA SILVA MELLO GUIMARÃES

Rua Direita—Aveiro



Participa aos seus amigos, e ao respeitavel publico de Aveiro e arredores, que acaba de reunir aos seus estabelecimentos um importante deposito de machinas de costura as quaes garante como muito superiores a quantas se conhecem. A **MEMORIA** (especialidade que mais se recommenda) é a unica machina que tanto pela sua belleza, como pela construcção, solidez e variedade de trabalhos que executa supplanta toda e qualquer machina que até ao presente se tem vendido em Aveiro.

A **MEMORIA**, sem rival no mundo, é a unica que tem obtido os mais honrosos premios nas exposições aonde tem concorrido; d'entre estas citarei a Exposição de Lisboa em maio de 1884 aonde foi a unica machina de costura que obteve premio.

Seria fastidioso enumerar as vantagens d'esta excellente machina, e por isso me limito a prevenir todas as pessoas que desejem comprar um d'estes indispensaveis auxiliares do trabalho, que depois de examinarem com attenção as que por ahi se vendem, venham ver estas pelas quaes optarão sem duvida.

A **MEMORIA** vende-se a prestações de 500 reis semanaes ou a prasos, fazendo-se grande desconto ao compradores de prompto pagamento.

PREVENÇÃO

5

Ao recommendar a machina **MEMORIA** direi comtudo que tenho sempre no meu deposito, machinas de outros systemas e de outros fabricantes, as quaes pela sua qualidade muito superior ás que por ahi se vendem, são comtudo vendidas por tão diminutos preços que difficilmente outras casas do mesmo genero poderão competir.

Peças soltas, agulhas, algodões, oleo, torçaes, etc. 52

51

GOTTA E RHEUMATISMOS

CURA certa pelo **LICOR** e pelas **PILULAS** do Dr **Laville**

Estes Medicamentos são os unicos Antigottoses *analysados e approvados* pelo Chefe das Manipulações chimicas da Academia de Medicina de Paris, o Dr **OSSIAN HENRY.**

O **LICOR** *toma-se para curar os accessos.* — As **PILULAS** *tomão-se durante o estado chronico para impedir novos ataques e obter a cura radical.*

Para prevenir-se contra as falsificações, deve-se exigir o SELLO do GOVERNO FRANCEZ e a assignatura

Venda por atacado em PARIS: **COMAR**, Pharmaceutico, rua St-Claude, 38

DEPOSITOS EM TODAS AS PRINCIPAES PHARMACIAS

Laville da Faculdade de Paris.

BALSAMO ODONTALGICO DE MOURA

130 COM o uso d'este balsamo cessam instantaneamente as dores de dentes por mais violentas que sejam. Frasco 200 reis.

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz & Filho.

PÓS DENTIFRICOS DE MOURA

131 ESTES pós limpam os dentes sem prejudicar o seu esmalte, dando-lhes um brilho e alvura admiraveis; fortificam as gengivas, tiram o mau halito e previnem a carie de resultados tão funestos quanto dolorosos. Caixa 200 reis.

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz & Filho.

PILULAS PEITORAES DE MOURA

132 ESTE medicamento, de uma composição vegetal e debaixo da fórma de pilulas, o que facilita muitissimo a sua administração, e de uma incontestavel efficacia nas bronchites tanto agudas como chronicas, defluxos, tosses, rebeldes, tosse convulsa e asthmatica, dôres de peito, escarros de sangne, etc. Acompanham esta especialidade numerosos attestados que justificam os seus creditos. Caixa 500 reis. Deposito no Porto, Felix & Filho.

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz & Filho.

Previne-se o publico, para não ser illudido, que são falsificadas as pilulas em cujas caixas não fôr o nome Felix & Filho.

137

ASTHMA E CATARRHO

Curados COM OS **CIGARROS ESPIC** Em França 2 fr. a CAIXA

Opressões, Tosses, Constipações, Nevralgias

Em todas as Pharmacias de Portugal et do Brazil.-Paris. Venda por grosso, J. ESPIC, Rue St-Lazare, 20. *Exigir esta assignatura sobre cada Cigarro.*

AGUAS ALCALINO-GAZOSAS-LITHINAES

DE

VIDAGO

142 NO dia 1 de junho abrem os hoteis da empreza das AGUAS DE VIDAGO, conservando-se estes ao publico durante os mezes de junho, julho, agosto e setembro.

A importancia therapeutica d'estas aguas mineraes tem-lhes feito grangear uma reputação universal, sendo com justa razão consideradas como agentes do mais subido valor em todas as doenças em que está indicada esta medicação. A' riqueza das aguas juntam-se as boas condições em que estão montados os hoteis da empreza, nos quaes se proporcionam as maiores commodidades e conforto.

Do relatorio apresentado pelo dr. Castro Lopo extractamos o seguinte:

DOENÇAS	CASOS	RESULTADOS
Dyspepsia	87	Excellente
Lithiase-biliar	16	Excellente
Eugorgitamento hepathico	25	Excellente
Catarrho vesical	17	Excellente
Lithiase renal	19	Excellente
Gôtta e rheumatismo,	4	Melhoras notaveis
Herpes	2	N'um bom resultado
Cymphatismo	1	Bom resultado
Diabetis	12	Excellente
Albuminuria	1	Algumas melhoras
Bronchite chronica	1	Bom resultado
Anemia	1	Bom resultado
Não qualificadas	20	

«... Como se vê pela estatistica presente não tem diminuido o numero de doentes que annualmente recorrem ao uso das aguas de Vidago, tomadas na sua origem. E' uma prova irrefutavel do quanto se generalisam os bons conceitos que merecem aos clinicos que deparam com casos especiaes como alguns que entram na estatistica, e para alguns dos quaes quasi de todo impotente o arsenal therapeutico que se encontra nas pharmacias.

«... Além dos agentes da mineralisação das aguas, uma parte importante nos resultados, deve-se, sem duvida, ás condições do local onde as eguas brotam, e aos hoteis da empreza, onde se observam todos os preceitos de uma boa hygiene.

«Não nos resta duvida em qualifical-os cemo hoteis de primeira ordem, e tanto mais que esta é a opinião geral que d'elles se faz.

«Se não repetimos aqui as considerações que temos por vezes feito sobre as aguas de VIDAGO é pelo julgarmos desnecessario.

«Que fique ainda assim mais uma vez consignado o conceito que d'ellas fazemos, collocando-as a par das de Vichy, ideia que aliás não nos pertence, pois que foi apresentada pelo sr. dr. Lourenço, mas que no entanto se armonisa com o nosso pensar.

(Assignado) *José de Castro Lopo.*»

A empreza tem feito melhoramentos notaveis nas nascentes de Oura, Villa Verde e Sabroso. Da nascente de Oura, abundantissimas, sahe a agua para o estabelecimento balnear, onde ha banhos .e emmersão, circular, douches, etc., consideravelmente melhorados.

A agua de Sabroso, cuja riqueza é revelada pela primeira analyse, collocada em condições mais favoraveis, apresenla acido carbonico livre em quantidade extraordinaria.

A empreza vae mandar proceder a nova analyse, e é de suppor que venha mostrar que entre nós não ha outras que possam rivalisar com ella.

Para Vidago o transporte é facil, havendo na Regoa carros, mala-posta e diligencias que seguem até lá, podendo tambem seguir-se por Guimarães aos Arcos e Villa Pouca.

Para reserva de aposentos ou quaesquer esclarecimentos a correspondencia deve ser dirigida a madame Carvalho ou Miguel Augusto de Carvalho—VIDAGO.

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE—LARGO DA VERA-CRUZ—AVEIRO.